

UMA NOVA PATERNIDADE?¹

Georges Daniel Janja Bloc Boris²

RESUMO

Neste texto, analiso o relacionamento de diversos homens com o pai, além de suas experiências com os filhos, discutindo as situações em que podem imperar os modelos de identificação - ou a sua ausência - a confusão e o conflito masculinos no que se refere à paternidade.

Palavras-chave: paternidade – sofrimento psíquico – construção da subjetividade masculina – relações sociais de gênero

... a solução seria não só manter o pai, mas de certa forma inventá-lo juntos...

Contardo Calligaris³

*Pai, pode ser que daqui a algum tempo
Haja tempo pra gente ser mais
Muito, muito mais que dois grandes amigos
Pai e filho, talvez
Pai, pode ser que daí você sinta
Qualquer coisa entre esses 20 ou 30
Longos anos em busca de paz
Pai, pode crer, eu tô bem, eu vou indo
Tô tentando, vivendo e pedindo
Com loucura pra você renascer
Pai, eu não faço questão de ser tudo
Só não quero e não vou ficar mudo
Pra falar de amor pra você
Pai, sente aqui que o jantar tá na mesa
Fala um pouco, sua voz tá tão presa
Nos ensina esse jogo da vida
Onde a vida só paga pra ver
Pai, me perdoe essa insegurança
É que eu não sou mais aquela criança
Que, um dia, morrendo de medo,
Nos seus braços, você fez segredo*

¹ Texto elaborado para ser discutido em grupo dialogal aberto sobre paternação e maternação no Congresso Latino de Gestalt, em Maceió (AL), entre 20 e 24 de outubro de 2004.

² Psicólogo, mestre em educação e doutor em sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil. Professor titular vinculado ao Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Brasil. Tradutor de *Ego, Fome e Agressão: Uma Revisão da Teoria e do Método de Freud*, de Frederick Perls, publicado em 2002 pela Summus Editorial. Psicoterapeuta fenomenológico-existencial, supervisor de estágios em psicologia clínica e formador de psicoterapeutas em Gestalt-Terapia. Autor de *Falas de Homens: A Construção da Subjetividade Masculina*, lançado em 2002, pelo convênio Annablume/Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Pereira Filgueiras, 1985 – Aldeota – Fortaleza (Ceará) – Brasil – CEP 60160-150 – Telefones para contato: (85)3224.8966/3224.4746/9990.9262 – Endereços eletrônicos: geoboris@uol.com.br e geoboris@unifor.br.

³ CALLIGARIS, Contardo. À escuta do sintoma social *in*: ROPA, Daniela (coord.) **Anuário Brasileiro de Psicanálise: O mal-estar na sexualidade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992-1993, p. 17.

Nos seus passos, você foi mais eu
 Pai, eu cresci e não houve outro jeito
 Quero só recostar no seu peito
 Pra pedir pra você ir lá em casa
 E brincar de vovô com meus filhos
 No tapete da sala de estar
 Pai, você foi meu herói, meu bandido
 Hoje, é mais, muito mais que um amigo
 Nem você nem ninguém tá sozinho
 Você faz parte desse caminho
 Que, hoje, eu sigo em paz
 Pai!

Fábio Jr.⁴

Um rapaz prepara a mamadeira de seu bebê e o alimenta, segurando-o nos braços com uma solicitude que nem a melhor das mães teria diferente. Levanta de madrugada porque o seu filho pequeno está chorando; dá banho nesse menino, enxuga-o com a toalha felpuda e os dois riem como duas crianças. Um homem de grandes mãos queimadas do sol ajuda seu filho a dar os primeiros passos; senta-o no carro e sai com ele para os arrozais; ou - quando pensa que ninguém o vê - observa esse filho brincar com uns pauzinhos, e os olhos azuis muito claros do pai brilham de uma emoção insuspeitada num homem de tanto senso prático e tamanha solidez. Nunca acreditei que “homens não têm jeito com criança pequena”. Se alguns receiam pegar bebês muito frágeis, talvez seja porque a mãe fica dizendo: “Cuidado, você não tem o menor jeito, vai deixá-lo cair!” Ou: “A sua barba está espinhando a carinha dele!” em lugar de abrir a porta da vida dessa criança, da qual é guardiã, para o pai entrar.

Lya Luft⁵

INTRODUÇÃO

Freud (1913 [1912-1913] [1974]) já destacava que “a imagem que um filho faz do pai é habitualmente investida de poderes excessivos desta espécie e descobre-se que a desconfiança do pai está intimamente ligada à admiração por ele” (p. 71), tendo discutido-a em vários pontos de sua vasta obra. Por outro lado, alerta que

⁴ *Pai*, interpretada pelo próprio compositor, no disco *Fábio Jr./1979*, pela gravadora Som Livre.

⁵ *Op. cit.*, p. 95-96.

os primeiros anos de uma criança são dominados por uma enorme supervalorização do pai; em consonância com isso, rei e rainha nos sonhos e nos contos de fadas invariavelmente representam os genitores. Mais tarde, sob a influência da rivalidade e do desapontamento na vida real, a criança começa a desligar-se deles e a adotar uma atitude crítica para com o pai (Freud, 1939 [1934-1938] [1975], p. 25).

Por sua vez, alguns psicanalistas chegam a sugerir uma verdadeira psicopatologia da paternidade, afirmando que “a influência do pai é amiúde tão nociva quanto a da mãe” (Aberastury & Salas, 1991, p. 24).

Entretanto, os diversos grupos de homens e os *men’s studies* que vêm sendo desenvolvidos nos últimos anos, apesar de reconhecerem a importância das influências psicológicas na *construção sócio-cultural* do vínculo paterno, entendem que a compreensão da masculinidade de nossos dias precisa levar em conta o fato de que a concepção de paternidade é historicamente bastante recente, pois apenas

há seis ou sete milênios, as sociedades mais adiantadas descobriram a relação entre o ato sexual e a procriação. Isto levou-as a tomar consciência da paternidade. Tal novidade acarretou de modo imperceptível uma revolução profunda, que transformou as estruturas sociais, as religiões e os comportamentos sexuais (Dupuis, 1989, p. 3), (...) na época neolítica (p. 9).

Até então, a organização social era matrilinear e a mulher estava envolta em uma representação de mistério e de respeito, mas a descoberta da função biológica do pai na concepção modificou toda a vida comunitária. O terceiro e o segundo milênio antes de Cristo são caracterizados pela organização patrilinear, pelo parentesco descritivo e pelo casamento heterossexual. Estes fatores, juntamente com a valorização da força física, parecem constituir os traços primitivos da representação da masculinidade. Assim, deve-se a isso, pelo menos em parte, o fato de que os homens tenham utilizado a função paterna para realizar seus desejos de conquista, instituindo, então, com os filhos, códigos patrilineares de *dominação*. Por outro lado, ao assumir tal postura, destituem de si mesmos a permissão para expressar tudo o que se aproxime ou que signifique as “dores e os privilégios da feminilidade” (p. 224). Desta forma, os grupos de homens e os *men’s studies* vêm tentando rever a nova representação masculina, que envolve tanto a sensibilidade quanto a afetividade.

As confusas e eventualmente conflituosas manifestações da paternidade contemporânea têm sido um dos principais núcleos das delicadas polêmicas entre as diversas vertentes de pesquisadores da *sociologia das relações de gênero*. Se

os homens vêm se transformando, é previsível que as relações entre pais e filhos também se modifiquem. Ser pai hoje tem sido objeto de questionamento por parte de muitos homens, pois se anteriormente a função paterna era inquestionável, hoje ela é passível de incômodos e angústias. Demonstrei como a função materna é essencial na *construção da condição e da subjetividade masculinas*. No momento, cumpre-me destacar como a paternidade - por muitos ainda considerada secundária no desenvolvimento humano - tem também um papel importante nessa *construção sócio-cultural*. Conforme Nolasco (1993),

as análises que hoje os homens estão fazendo sobre sua condição têm na paternidade o fio condutor. A revisão do papel e da atuação do pai e sua inserção no cotidiano da casa fazem com que os homens reflitam sobre a relação com seus próprios pais, para nela identificar, na maioria das vezes, uma experiência de abandono, esquecimento e tensão. Por outro lado, os homens começam a perceber que este sentimento de abandono também foi experimentado por seu pai e seu avô (p. 13).

Por outro lado, Campolim & Lima (1998) comentam a relação entre os homens e seus filhos, evidenciando que

os pais têm uma relação lúdica com os filhos porque isso faz parte do estereótipo masculino. O homem brinca mais. O problema é que essa tendência dos homens para o jogo, para a atividade lúdica, termina sendo potencialmente discriminadora. Pois enquanto os pais levam os meninos para o futebol ou assistir ao jogo, as meninas ficam em casa, normalmente ajudando a mãe a arrumar a cozinha. Nessa hora é que aparecem os elementos culturais, sociais e históricos, que derivam da natureza masculina e dão origem a certos estereótipos. (...) São expressão profunda de aspectos da natureza humana, masculina ou feminina (p. 66-67).

Almeida (1996) expõe a evidente *diferenciação de gênero* no tratamento que um de seus entrevistados dedica ao filho e à filha, demonstrando a forma como a transmissão e a reprodução sócio-culturais das imagens masculina e feminina costumam ocorrer também através da figura paterna:

existe uma diferença muito grande na minha relação com os dois filhos, sim. Vamos dizer, ao nível do enrijecimento, por exemplo: o que eu exijo dele é muito maior do que eu exijo dela. Uma vez eu estava voltando do judô com o menino e ele se queixava da violência deste esporte. Aí eu tive um papo com ele, exaltando as virtudes masculinas da virilidade. (...) O homem tem a coisa do guerreiro, do endurecimento, que não é só o endurecimento muscular não, tem o endurecimento psíquico, é o criar calo na cabeça da gente! (...) Ter esse espírito de sacrifício, agüentar as coisas! (p. 135).

Da mesma forma, acrescenta a importância da imagem paterna nos depoimentos de alguns homens, considerando o

caráter irrelativizável da diferença entre os sexos e, mais do que isto, da própria materialidade e da concretude máxima dos sinais dessa diferença. O significado do que é ser homem parece estar vinculado a um conjunto de variáveis, símbolos e sentimentos

flagrantemente distintos e intrínsecos ao campo masculino de funcionamento e organização da subjetividade. Quando são feitas menções mais próximas ao terreno afetivo e emocional, curiosamente, elas se remetem ao plano de uma memória igualmente acionada por estímulos e noções indissociavelmente remetidas ao universo masculino. Partindo dos exemplos de resistência física e psicológica, provação, dureza do espírito, aptidão para a “guerra”, e chegando ao exemplo final de ideal paterno como figura paradigmática do que é ser homem, todas essas passagens não deixam de conferir uma natureza ainda irrelativizavelmente masculina a esta estruturação subjetiva (p. 136-137).

É neste sentido que me interessei em tentar desvendar e discutir como meus entrevistados percebem seus pais e seu relacionamento com eles, bem como as possíveis transformações sócio-culturais das relações com seus próprios filhos.

PAI E FILHO: APRENDENDO A SER HOMEM

Assim, através de diversas perguntas, busquei investigar junto a meus sujeitos de pesquisa as seguintes questões relativas à paternidade: como caracterizam a relação com o pai e com os filhos; se eles percebem diferenças de tratamento do pai com eles e com seus demais irmãos e como as explicam; se entre eles e o pai ocorriam manifestações físicas de carinho e se tais manifestações se modificaram ao longo do tempo, bem como o que igualmente se aplica à relação com seus filhos; acerca da influência paterna sobre o seu relacionamento com as mulheres e com os homens; sobre a imagem masculina transmitida pelo pai e a que transmitem a seus filhos; sobre a imagem das mulheres transmitida pelo pai e qual a imagem feminina que transmitem a seus filhos; se há diferenças no tratamento que têm com seus filhos e filhas; se o pai lhes cobrava que adotassem atitudes firmes, decididas ou agressivas, como respondiam a essas cobranças, se alguém hoje lhes cobra tais atitudes, o que pensam a respeito dessas cobranças e se cobram as mesmas atitudes de seus filhos; como comparam o relacionamento que tinham com o pai e a relação que têm com os filhos; se seus filhos são mais próximos deles ou das mães e como justificam tal proximidade; e se eles percebem-se repetindo as atitudes do pai com eles no relacionamento com os filhos ou se tentam agir de forma diferente dele. Tais questões geraram 3 tipologias analíticas.

1. O Pai Participante e Acolhedor, Modelo de Homem

Entre meus entrevistados, é comum a descrição de pais autoritários, distantes e omissos. Entretanto, alguns de meus sujeitos de pesquisa conseguiram um bom relacionamento com seus pais, mesmo que tardiamente e com dificuldade. Assim, pude perceber uma opinião diferenciada ou mesmo uma ligação forte com o pai por parte de alguns deles, como João, que, apesar de perceber a dureza paterna, admite sua profunda identificação com o genitor até mesmo em seus defeitos, tomando-o como modelo de homem e incorporando alguns traços machistas dele em sua relação com os homens – que seriam mais insensíveis, podendo lidar com eles com violência - e com as mulheres. Apesar de sua dureza, seu pai nunca lhe cobrou que adotasse posturas mais viris ou agressivas, pretensamente masculinas:

eu me sinto mais ligado umbilicalmente a meu pai porque os meus defeitos, com o tempo, eu concluí que eles são mais do meu pai. Os meus silêncios, a minha introspecção é paterna. A minha esquisitice é paterna. Minha mãe é mais expansiva. Então, eu acho que eu herdei mais do meu pai. A questão do silêncio, a questão da reserva, a questão de não rir, não me “pôr pra fora” é do meu pai. Eu nunca vi meu pai chorar e isso é uma frustração que eu tenho. E nem vi minha mãe chorar, muito tempo. Eu aprendi a chorar de pouco tempo pra cá. Acho que me aproximei mais de minha mãe e me afastei um pouco do meu pai, mas ainda sou muito a formação paterna. Eu acho que quem influenciou minha relação com os homens foi meu pai. (...) A minha dureza, as minhas “portas fechadas” ainda são de meu pai. Eu acho que eu sou uma “construção” ainda com muitas “portas fechadas”. (...) É o fato de ser o mais velho, primogênito, né? Eu num sei, também, explicar o motivo, não é? Talvez por ter sido, também, colocado pra ser homem. Talvez pelo fato de ter vivido fora de casa mais cedo, isso me fez, também, me aproximar mais dele e ter ele como modelo inicialmente, né, e isso fica difícil você acabar com isso de vez, né? Aí vem o pouco de machismo, de macho que ainda existe em mim, não é, de resolver as coisas de homem pra homem, essas coisas. (...) Ele tem muito mais facilidade de resolver grandes problemas com homem do que com mulher pelo fato de, com o homem, há bem mais opções de resolver as coisas do que com a mulher, já que a violência, a brutalidade e o machismo pra tratar duma coisa com o homem é uma opção, e, com a mulher, já não é tanto. Transmitiu uma imagem de que os homens são, realmente, mais machos, mais fortes. São mais insensíveis. Parece-me que os homens são mais “duros”, e, principalmente, os homens são mais insensíveis. (...) Nunca cobrou nenhuma atitude minha, que eu me lembro: nunca de ser mais macho ou mais fêmea, nada.

Haroldo se sente próximo do pai, preocupando-se com ele. Acredita que lhe dá menos motivos de apreensão e percebe sua admiração, tendo até mudado a forma de expressão de carinho entre eles, embora limitadamente. Quanto às mulheres, aprendeu do pai que não deve dar muita atenção ao que dizem. Com os homens, afirma que reproduz socialmente as atitudes que aprendeu com o pai. Aqui, percebo claramente e destaco a transmissão da ideologia viril, pautada culturalmente na independência financeira e afetiva, no trabalho profissional e na necessária provisão

da família. Apesar de não reforçar a violência do filho, seu pai pareceu sentir-se orgulhoso quando Haroldo venceu uma briga com colegas de escola, atitude paterna que muito o agradou também:

acho que ele ouve um pouco mais. Eu bebo um pouco mais com ele. Ela é muito séria, hoje em dia. (...) Eu fico preocupado com ele. Antigamente, eu ficava preocupado comigo. Hoje, eu é que sou preocupado com ele, com o que ele faz da vida dele. Ele é próximo. Depois que os filhos cresceram etc., ele tem tido trabalho com uns, e com outros não, por assim dizer. (...) Então, acho que, há algum certo tempo, eu deixei de dar trabalho a ele e, (risos) além de deixar de dar trabalho, eu acho que ele admira, né? (...) Tomava a benção, né, e hoje em dia, a gente se agrada, aperta a mão; nos aniversários, a gente se beija. A benção, ninguém toma mais, né? O cumprimento mais comum é o aperto de mão, mas nas datas solenes, geralmente a gente se abraça e, às vezes, se beija. Ele sempre achou que as mulheres gostam de "tricotar", né, e que, por exemplo, isso num merece muita atenção: "quando tão 'tricotando', deixa elas 'tricotando' ali. Num dá muita atenção, não. Também, quando chegam falando muito, presta atenção no essencial. Deixa de prestar atenção nos detalhes". Eu acho que é uma reprodução, assim, né, da maneira que eu me relaciono com ele. (...) Ele me dizia mais ou menos o seguinte: que o homem bom deve trabalhar, casar, ter filhos, né, ter uma boa relação com os colegas de trabalho, com os amigos, tudinho, mas deve ter sempre, assim, uma certa independência, uma certa autonomia, num depender muito, (...) ter a sua (...) identidade, sua personalidade. Eu lembro, também falando em violência: uma vez, eu deveria ter perto de (...) 10-12 anos, e ele foi me pegar no colégio, e, na hora que ele chegou, eu tava brigando com outro garoto do colégio. Na verdade, não era com um: era com mais de um, né? E ele chegou em casa e comentou isso. Eu num fui reprovado por essa atitude e a maneira dele contar foi, assim, até de quem se gabava de alguma coisa. Eu achei ótimo também: isso foi o máximo! (risos)

Apesar de não conversarem muito, Mário sente-se mais à vontade para expressar seus sentimentos ao pai, embora considere o relacionamento muito sofrido com ele. Conseguiu transformar a relação com o pai ao admitir sua homossexualidade e perceber que ele estava ao seu lado, mesmo não gostando de tal situação. Hoje, conseguem expressar afeto através de contato físico. Entretanto, se incomoda porque sua comunicação é freqüentemente indireta e sente-se ainda insatisfeito. Quanto às mulheres, o pai lhe transmitiu a imagem de que são trabalhosas, desprezíveis e que são uma grande responsabilidade, pois é bastante submisso e respeitoso com elas, demonstrando-lhes uma aparente indiferença. Através de uma relativa distância, seu pai tentou ser um modelo de homem para Mário, juntamente com outras figuras masculinas. Conta um longo episódio em que seus pais reforçaram sua reação violenta aos gracejos de um primo que questionou sua masculinidade:

embora eu não converse com meu pai como ele fala com meu irmão, (...) tenho com ele intimidade de conversar, (...) de abraçar e chorar, coisa que eu nunca fiz com minha mãe, né? (...) Parece que entre eu e ela é assim: é menos sofrida a nossa relação. Eu acho que eu sou mais próximo dela porque eu prefiro ficar com ela, por ser mais prazeroso: a gente ri

mais, a gente é mais descontraído. (...) Acho que, com meu pai, eu tenho a impressão que tanto ele não fica à vontade quanto eu. (...) É mais sofrido pra eu falar com meu pai sobre a minha sexualidade ou ser eu mesmo pro meu pai do que com a minha mãe. (...) A minha relação com meu pai é uma relação de profundo respeito. É de amor. Meu pai disse pra mim que não concorda com o que eu faço em relação aos meus gostos sexuais, mas que ele vai estar sempre ao meu lado. Isso me deu profunda confiança, uma profunda segurança. Minha relação com ele é de extrema proteção. Eu me sinto hiper-protegido por ele. Eu me sinto bem com a presença dele. Hoje, meu pai, assim, me influenciou muito na minha orientação moral, crítica, de honestidade, de sinceridade, ser uma pessoa calma, tranqüila, sensata. Eu busco muito ser como ele é. Ele é muito atento, escuta muito. Ele fala muito, ele brinca demais, mas, nos momentos de falar sério, ele sabe chegar e falar, e é muito bonito quando ele fala sério. Ele fala pouco e diz tudo. Minha relação com o meu pai, o que eu vejo é ele como um herói. Meu pai, pra mim, é um grande "Super Man". E foi isso que me conquistou, há poucos anos atrás. (...) O meu pai nunca me bateu! Meu pai nunca gritou comigo. Falava sério, algumas vezes, pra demonstrar que estava desgostoso com a gente, mas nunca brigou ou ameaçou levantar a mão pra mim ou pra o meu irmão, né? Eu, também, nunca desafiei. Eu tenho uma paciência de Jó. (...) Foi com o passar do tempo que ele demonstrou pra mim que queria falar sobre a minha pessoa, falar mais sobre a minha relação com as mulheres. Foi aí que eu senti que eu não posso estar negando a minha relação como era. E eu chorava, dizendo pra ele que eu não ia mais tentar dissimular uma situação que ele sabia. Eu sabia que o sonho dele era que eu me casasse e tivesse filhos para ele ter os seus netos; tivesse a vida mais ou menos como ele tem; que eu o seguisse em qualquer coisa, tanto no aspecto moral como no aspecto dos amigos. Ele sempre dizia: "faça como seu pai faz". E eu sabia muito bem que eu não ia fazer como ele pediu pra mim. E eu chorava porque eu gosto muito dele, mas não dava pra fazer. E ele foi um paizão mesmo. (...) E hoje, a gente se olha; eu beijo meu pai, e, quando a gente se fala no telefone, ele manda beijo pra mim, né? (...) Eu me preocupo com ele. Sinto saudade de estar com ele. Era dissimulado: eu não beijava meu pai. Meu pai, também, era muito falso. Meu pai ficava escutando minhas conversas atrás da porta. Meu pai ficava me "brechando", sem nunca me enfrentar "de cara": era sonso. Eu tinha a impressão que meu pai era "enrustido": era casado, tinha filhos, mas gostava de homens também. A impressão que eu tive foi essa. Meu pai era assustado. E hoje, não. Hoje, eu acho meu pai, assim, fantástico. Eu acho que ele tem mais orgulho do meu irmão, não é? Eu acho que, primeiro, ele conta as coisas pro meu irmão, e, depois, pra mim. (...) É sempre assim: ele fala pro meu irmão; minha mãe escuta e fala pra mim. E eu vou lá de intrometido, que também quero saber o que aconteceu com ele. Me incomoda. (...) Meu pai era de deitar na rede comigo, de me fazer cócegas, e, quando criança, ele fazia isso com muita frequência, não é? Meu pai me ensinou muita coisa, né? Meu pai me dava comida na boca: eu era muito magrinho; eu dava trabalho pra comer. Houve mudança com o tempo: a gente foi se distanciando. Passou um tempo em que a gente nem se olhava. Mudou com o tempo. Hoje, pra ele, é outro negócio: abraço, beijo ele, não é, tomo a benção - são coisas que estão mais próximo do corpo. O que eu quero ainda são coisas que estão bem distantes. Acho que influenciou no sentido do respeito. Meu pai disse que nunca se bate numa mulher e minha mãe vai dizer que meu pai nunca a levou num motel. Ele transmite um respeito pela mulher como algo, assim, como meio inatingível, né, e que ele é muito submisso à minha mãe. À minha avó, também: ele era muito submisso à minha avó porque ela perdeu o esposo, o outro filho, seu irmão, e como ele era o único filho de uma família que teve dois outros homens, né? Então, ele era muito paparicado por ela e ele tinha a minha avó como uma deusa. Todo dia, ele ia na casa dela. Era muito submisso: fazia todas as vontades dela. (...) É assim a visão que ele me passou das mulheres: que é muito trabalhoso; é muita responsabilidade. A imagem que ele transmite é que a mulher é, às vezes, até, assim, de caráter diferente. Minha mãe gritava, esperneava, fazia e acontecia, e ele mantinha aquela calma: parece que estava ouvindo música clássica. Ele dizia que a mulher era algo que não o atinge: desprezível, talvez. (...) Teve uma vez só: meu primo estava em minha casa e minha tia se queixando que era muito danado. E aí, minha mãe contava vantagem do que eu não era: eu era muito arisco, mas, no colégio, era muito hiper-organizado. E eu tava na sala e meu tio também tava. Então, minha mãe foi buscar meu caderno pra mostrar e meu

caderno tinha um monte de florzinha: parecia caderno de menina. E, quando ela começou a mostrar, passando as folhas, cheio de flores, o meu primo, espertíssimo e danado demais, disse: “parece caderno de mulherzinha”. Olhe: esse menino conseguiu “arrasar” com todo mundo, né? Eu não tinha noção do que aquilo significava. Depois, o meu pai chegou pra mim e disse: “olhe, quando uma pessoa disser que você é mulherzinha, não leve esse desaforo pra casa. Devia ter respondido à altura”. Aí, passou algum tempo: esse meu primo me chamou de mulherzinha de novo, na piscina do sítio do avô, e eu quase que mato esse menino afogado (riso). Ele saiu e tinha asma: tava todo roxo, tossindo - ele bebeu muita água. A minha tia, brigando comigo, querendo que minha mãe brigasse comigo, e minha mãe brigou comigo e piscou o olho, sabe, como se dissesse “é isso que você tem que fazer”.

Apesar de perceber o “fechamento” e a falta de intimidade com o pai, José admira e se identifica muito com ele, admitindo que o imita em muitas situações. Aprendeu com o pai que deve sempre lutar para ser o melhor em tudo o que fizer, o que lhe “pesa” muito hoje, embora não consiga mudar tal postura. Mais uma vez, encontro aqui a ideologia do *papel sócio-cultural* masculino intrinsecamente ligado ao trabalho, à fortaleza, à independência e à provisão da família, bem como a necessidade de imposição de limites ao *poder doméstico feminino* entre alguns homens, ou, em outros termos, a ainda prevalecte *dominação masculina patriarcal*, embora decadente:

o velho era muito “trancado”. O meu pai é muito “fechado”: gente boa, “cabra” bom, de primeira, mas não era de conversar. (...) Um grande pai, disciplinador: apanhei dele, de cipó, de tudo. Não tenho recalque: eu apanhava porque merecia mesmo e eu tive um relacionamento excelente com ele. Só com um detalhe: ele tem 64 anos. Não é tão velho. Ele é mais velho que eu 20 anos, somente. Hoje, ainda é vivo. Tenho um bom relacionamento com ele. Quero bem demais a ele. Interessante: minha mãe queria mais bem a mim, mas eu queria mais bem a meu pai. Se fosse medir preferência, eu queria mais bem a meu pai, mas ele, toda vida, foi muito “fechado”. (...) Era de “conversar abobrinha”: “como é que vai os estudos, as nota” e tal. (...) Eu nunca tive problema, nem com pai, nem com mãe, com criação. Eu, às vezes, via os “cabras” ter uns problemas, recalque, tal: eu não tenho nada disso. Hoje, (...) a gente conversa mais, mas conversa assim: pouco sobre ele e sobre mim. Conversa mais sobre o geral, os problemas que ele tem, mas de ordem financeira: aí, tal, eu “chego junto”. (...) Mas não tem cumplicidade. Eu, tirando algumas arestas, eu sou muito parecido com ele, em relação a isso. Tanto com as esposas, quanto com as “quengas” (risos), com as meninas de fora, ele era muito namorador, muito mulherengo. (...) Corrigindo algumas “arestas”, com meus filhos, eu sou “aberto”: beijo e converso e falo tudo. Tirando algumas coisas, eu sou a cópia fiel do meu pai. Com os amigos, eu não gostava de ocupar ninguém: tudo do meu pai. Eu sou muito parecido com ele neste sentido. Acho que copiei, claro. Basicamente, ele não me transmitiu nada: eu assimilava por ver o comportamento dele. Era esse: tem que trabalhar; tem que “batalhar”; tem que ser direito; tem que ter um bom relacionamento com a mulher; ter todo o cuidado com a esposa, com os filhos; “se matar” para isso. (...) Tem de ser bom, mas a mulher tem que ter o limite dela: até aquele limite, ela vai; daí para frente, é só com permissão, senão não adianta. Só me cobrou sempre trabalhar e estudar; vencer, mas por meios lícitos. Ah, eu sempre fui o primeiro da classe; eu sempre fui o primeiro no CPOR! Ele me criou a mania de ser sempre o primeiro lugar. Pesa, pesa: hoje, se mantém. Na minha empresa, eu sempre fui o primeiro lugar, sempre, sempre, e isso vai até o resto da vida. Eles dizem para mim que tanto faz ser o segundo como o centésimo: os “louros da vitória” são sempre do primeiro. As atenções são sempre para o primeiro.

Marcos, apesar da maior proximidade com a mãe, vem se chegando ao pai aos poucos por meio de correspondência postal, sentindo-se afetivamente mais satisfeito com a conquista recente e contentando-se com os sinais sutis do afeto paterno. Embora tenham tido um relacionamento bastante conflituoso durante muito tempo, hoje se sente respeitado pelo pai porque se tornou financeiramente independente dele, o que o diferencia dos demais irmãos, mas não há expressão física de afeto entre eles. Destaco aqui o uso das costumeiras justificativas do maior distanciamento paterno em relação à mãe, como a necessidade de provimento e de sustento financeiro da família, atitudes que Marcos absorve do pai e que parece utilizar no relacionamento com seu próprio filho:

até uns cinco anos atrás, mais ou menos, eu era muito mais próximo, como sou ainda, da minha mãe do que do meu pai. Hoje, eu estou muito mais próximo do meu pai. É gozado: eu estou gostando mais de estar mais próximo do meu pai, acho que porque meu pai mudou. Meu pai, hoje, está conversando mais comigo. Eu tenho 33 anos: eu estou começando a me relacionar com ele agora, através de carta. Eu não esperava que meu pai escrevesse cartas. (...) Eu escrevia pra ele; eu dizia: "pai, eu te amo. Pai, eu quero que você fale comigo". E ele sempre muito sério, muito distante comigo. (...) A minha mãe está sempre próxima, mas esta proximidade é muito mais física do que afetiva. Eu sinto que eu estou muito mais afetivamente ligado ao meu pai do que à minha mãe. Muito dolorosa, no início, era na época quando eu tinha os meus 17-18 anos. (...) Comecei a trabalhar com ele: (...) isso não me fez bem. (...) Meu pai pagava a minha faculdade: (...) eu queria a minha carreira "solo". Então, eu brigava muito com o meu pai: queria esnobar e não conseguia. Foi uma "zona", uma considerável "zona". Aí, saí: (...) comecei a trabalhar; viajei para o Nordeste e mudei para o Ceará. (...) Me casei e, logo no começo, passei um aperto "filha da mãe", um aperto de grana "fodido". Liguei para o meu pai: "pai, preciso de dinheiro emprestado". "Não tem". E eu aqui, todo "fodido". Pedi duas vezes. "Não tem". Não pedi a terceira, (...) mas isso me ensinou muita coisa que hoje eu vejo, que eu não via quando eu tinha vinte e poucos anos. É aquele negócio: "faça por si mesmo as suas coisas. Você não vai conseguir nada através dos outros. Você só pode conseguir suas coisas através de si". Mas isso custou muito porque ele poderia ter me ensinado isso com muito mais palavras e gestos do que financeiramente. Meu pai sempre foi muito preocupado com os filhos pegando dinheiro dele. O velho falava: "não lhe dou dinheiro. Também não lhe dou atenção porque, se eu for lhe dar atenção, você vai me pedir dinheiro; e também não falo nada para você porque se eu for falar alguma coisa, você vai me pedir dinheiro. Não dou dinheiro, não falo, não dou atenção". Pronto: esse era o meu pai no passado. E hoje, eu vejo que é muito diferente. Por isso que eu digo que, hoje, eu estou muito mais ligado a ele porque eu posso conversar com ele e ele sabe que eu não quero dinheiro. Acho que isso deu tranquilidade para ele conversar comigo. (...) Na cabeça do meu pai, existe o Marcos e os outros filhos. (...) Por que? Porque eu sempre fui o escrachado: "o Marcos não serve para isso. Marcos não serve para aquilo. O Marcos não é bom administrador. O Marcos não é bom. Não vai conseguir. Vai ser sempre 'bunda mole'. Não vai conseguir nada na vida etc. etc. etc." E eu provei "por A + B" que eu consigo, que eu fiz, que eu batalhei e venci. (...) Eu sei que ele me respeita muito hoje, diferentemente dos outros irmãos. Então, já há uma discussão mais de homem para homem, hoje, que não tinha. Antes, era uma condição: "eu sou o pai e vocês são os filhos. Não ousem dar 'pitaco' na minha vida". (...) Hoje, eu brigo; hoje, eu converso com ele; hoje, eu discuto assuntos com ele. (...) Ele tem me dado provas disso só de palavras. Eu abraço; busco abraçar o meu pai, hoje. (...) Recebi uma carta. (...) Para o meu pai escrever assim, escrever uma carta para mim e mandar um beijo - "tchau, um beijo" - nossa! Eu fiquei mais pasmo do meu pai escrever

isso para mim do que chorar, de ficar assim porque isso nunca aconteceu. Essa foi a primeira carta. (...) Isso é uma coisa muito gostosa. Isso é uma coisa que todos os pais deveriam dar para os filhos. Quer dizer: o filho, no relacionamento com o pai, o pai pensa muito na “grana”, né, dá condição para o filho, esse negócio todo. E eu sou pai, hoje, apesar de ser pai só há 6 anos, mas eu sei muito o que é isso. A gente sempre fala: “a gente não teve pai quando era pequeno”. A gente sempre falava: “a gente tem um provedor, aquele que dá dinheiro, né? Ele dava o dinheiro, mas não era pai”. Então, mudou muito. Hoje, eu tenho um pai que não tive 30 anos para trás.

Filho único, Renato percebe-se em vários pontos muito parecido e identificado com o pai, pois pode conversar abertamente e sente-se mais acolhido por ele do que pela mãe, embora as manifestações de afeto tenham diminuído ao longo do tempo. Neste caso, temos uma mostra clara da importância dos jogos viris na aprendizagem da masculinidade através da figura paterna, mas transparece também um temor subliminar de tensão nas relações entre os homens. Renato se ressentia da falta de um modelo masculino mais forte no relacionamento com as mulheres, considerando o pai excessivamente feminino ou até mesmo afeminado, sentindo-se envergonhado de sua fraqueza pouco identificado com ele neste aspecto, pois acredita que o pai adota uma postura excessivamente submissa e respeitosa em relação à mãe e às mulheres em geral, como expôs extensamente a mim:

exatamente por ele ser um “cara” mais carinhoso, sabe? Ela não é. Desde pequeno, ela nunca foi. E ele é e gosta de crianças e tal, e foi por aí. E até a semelhança, o meu jeito, se parece muito com o jeito dele: ele é muito manso e eu acho que eu sou por aí, também. (...) Até a própria questão da gente conversar, tecnicamente. Por exemplo: há pouco tempo, eu bati o carro. Então, ele ficou me dando “carona” pra ir pros cantos, e foi um momento que eu até comentei com ele que tinha sido bom porque a gente tinha se reaproximado, e ele até falou alguma coisa do tipo: “é, às vezes, a gente se distancia e não sabe nem como o outro tá pensando também, se ainda pensa as mesmas coisas ou não”. Pois é, então, porque é uma pessoa que eu posso conversar abertamente. (...) Mas eu acho que meu pai fez a coisa muito bem feita porque eu não sinto raiva dele: eu não me lembro de ter sentido raiva dele, exceto alguns fins de semana, algumas coisas desse tipo, que eu ficava em casa e era muito monótono. Mas eu sempre senti muita raiva da mamãe, exatamente por causa de censura, de eu não poder fazer as coisas. Pois é: às vezes, eu fico até me lembrando aquele lance de “Édipo” e “Electra”. “Porra”, o meu “Édipo” foi invertido aqui, apesar de que eu nunca tive, assim, fantasias de sexo com o meu pai, mas eu acho muito louco, também, isso de eu me dar melhor com o meu pai! Mas eu acho, também, que é porque eu sou filho único. (...) Eu, quando era pequeno, não tinha com quem brigar, assim, brigar mesmo, se agarrar e tal. Aí, ele fazia isso comigo: a gente brigava e tal, não-sei-o-que, nos finais de semana. (...) Nas férias, eu viajava com ele. Foram situações que ajudaram a aproximar mais, coisa que, com a mamãe, (...) eu nunca tive essa proximidade. (...) Com o velho, eu me lembro de mais carinho, mas hoje em dia, nem tanto. Eu acho que teve um momento que eu quis cortar relações para os dois, mas mais pra mamãe. (...) Com ele, tem um “lance legal”, que é essa coisa do carinho de homem é “foda”! Por exemplo: têm vezes que eu quis só um toque, mas “tipo” dando murro e tal, né? Mas eu acho que isso caracterizaria até um carinho, mas um carinho de homem, já que o homem tem essa dificuldade de expressar o carinho, alisando

ele e tudo: aí, vem dessa forma. (...) Eu nem vi ele “dando em cima” de outras mulheres - que é o que eu preferia que ele fizesse - e nem também com a mamãe. (...) Eu acho o meu pai com jeito de “gay”, sabe? Ele é assim, muito assim, e, quando ele fala no telefone, ele tem, assim, uma coisa muito feminina porque, já que ele era o mais velho, ele ajudou muito minha avó e fez atividades de casa, “tipo” cozinha e tal. Não que isso influencia, mas, pelos moldes daquela época, do que era ser educado, eu acho que acabou, de certo ponto, afeminado. (...) E eu acho que a maneira que ele me influenciou com os homens foi eu ser mais “escroto”, mais “duro” para não ser como ele. Perante outras pessoas, eu fico logo sério para ficar aquela coisa “o pai do ‘cara’ é, mas ele não é”, e tenho essa postura mais rígida: eu me sinto mal; me sinto envergonhado. Hoje, eu já procuro “deixar por menos” e achar engraçado. (...) Sinceramente, eu não sei, até pelo desinteresse que ele tem pela mamãe e não arranja outra “figura”. Ele dá umas saídas, de manhã, mas sei lá. Eu só achava “legal” se ele chegasse e falasse. Eu achava mais “legal”, né, mas, aí, se ele for, não tem grandes problemas, não. Olha: eu acho que ele sempre teve um pouco de medo, também, sabe? Pelo menos, é assim que eu sinto: respeitar muito; respeitar em excesso; ter sempre uma postura complacente para outras pessoas. (...) Eu vi como ele era submisso em relação à minha mãe. Então, eu acho que ele deve ter-me transmitido também isso. Ele é um “anti-espelho”: é um “anti-exemplo”.

Aqui, sem dúvida, temos um claro exemplo do modelo do pai desvirilizado, surgido a partir do desenvolvimento das sociedades industriais, a que já me referi em outro trecho desta tese. Para Sílvio, a menor proximidade com seu pai se justifica pela maior presença da mãe na adolescência, que não trabalhava quando ele mais precisou de apoio familiar, mas acredita que o pai lhe propiciou muita autonomia, tendo aprendido a se relacionar com os diferentes estilos dos pais, trabalhando com ambos até hoje. Entretanto, o modelo paterno também funcionou negativamente, já que Sílvio evita repetir o tratamento que o pai dedicava à sua mãe, o que levou o filho a lidar de uma maneira diferenciada com as mulheres:

mais próximo dela, assim, porque, no período da minha adolescência, que eu acho que foi uma fase de transformação, aquela coisa toda, realmente ela que estava mais próximo de mim. Logo, na época, ela não trabalhava: estava mais dentro de casa. (...) Hoje, a minha relação com meu pai é boa. Como eu falei, na época da adolescência, assim, eu tive aquela coisa meio estranha, mas hoje não, principalmente porque a gente passa o dia juntos, porque trabalha junto. Então, melhorou 100% e até mesmo em casa. É assim porque a gente tem dois estilos totalmente diferentes. (...) Realmente, me dá muita autonomia. Ele foi sempre muito “danado”. Então, assim, às vezes, ficava “aquele” clima lá dentro de casa. Então, isso aí, eu acho que serviu até de base por ver o que acontecia lá. A relação dele com a mamãe, de certa forma, me traçou uma linha pra dizer: “olhe, se você quer ser correto, se você não quer ter sofrimento pra tua namorada, pra tua esposa, sei-lá-o-que, não vai fazer isso”. (...) Normalmente, o que eu busco fazer é, se eu tô com uma namorada, eu só tô com ela e pronto!

Jorge tem mais contatos com a mãe, embora o relacionamento com o pai seja menos conflituoso, tendo se identificado com ele e incorporado muitos dos seus valores cristãos e de não-violência, pois considera a mãe excessivamente

preconceituosa. Entretanto, apenas recentemente conseguiu expressar afeto pelo pai, pois se adaptou às ausências dele em momentos importantes de sua vida:

eu converso mais com ela, mas tenho menos problemas com o meu pai. Meu pai participava pouco da parte educacional, assim, direto, de estar com os filhos, de cobrança do dia-a-dia. Esse trabalho pesou mais pra minha mãe, mas os valores morais que eu, na maioria, tenho hoje, acho que se devem ao meu pai, às conversas que eu tinha com ele, à convivência, a conselhos dele. Eu acho que minha mãe tinha mais preconceito. Meu pai era muito católico: então, eu acho que ele considera o ser humano como ser humano, independente de sexo. Ele, eu vim beijá-lo depois que eu já estou homem: é, quando eu chego lá, eu beijo ele, mas, quando eu era menino e “brochote”, não tinha essa abertura. Quando criança, tinha, apesar de que eu acho que era menos do que hoje. Hoje, eu beijo, abraço. (...) No início, quando eu beijava, ele ficava - o termo não é bem rejeição - não sei: talvez ele se sentisse inadequado, não sei. Hoje, não: hoje, a gente se beija, sem problema, se abraça. Meu pai já é casado duas vezes, e, segundo ele diz, é monogâmico, e eu acho que essa monogamia, eu acho que lhe devo, eu acho que foi um valor que eu assumi basicamente devido a ele. Meu pai tinha por filosofia a filosofia cristã. Então, era muito de conversar, de não ter violência. (...) Ele cobrava não pressão: ele cobrava diálogo. (...) Eu sentia que tinha diferença: que o papai pouco participava de eventos esportivos, de jogos, seja de que qualidade for, e daí eu também não gosto de jogo e, de certa forma, num determinado momento, eu senti dificuldade por não ter nenhum tipo de esporte que eu praticasse.

Sem dúvida, posso perceber alguns avanços na intimidade e na expressão de afeto entre pais e filhos, apesar da postura rígida, autoritária e dura de muitos pais, tendo certos entrevistados buscado ativamente uma maior proximidade com eles, por vezes tardiamente. Entretanto, a relação entre pais e filhos ainda é recheada de entraves e de limites, como podemos perceber nos depoimentos que exponho a seguir.

2. O Pai Ausente, Omisso, Rejeitado ou Violento e Outros Reforçadores de Atitudes Socialmente Consideradas Masculinas

Apesar dos reconhecíveis progressos no que se refere à expressão de sentimentos e à intimidade nos relacionamentos entre pais e filhos, particularmente nas últimas décadas, a figura paterna é ainda freqüentemente percebida como ausente, omissa, rejeitadora, agressiva ou mesmo violenta – e por isto mesmo desprezada, devo destacar. Além de expressar tal imagem negativa, a maioria de

meus entrevistados se sente mais próxima de suas mães, o que evidencia as ainda persistentes dificuldades de acesso afetivo e íntimo à figura paterna. Luís, que é filho adotivo, conta que teve um relacionamento conflituoso com o pai já falecido, embora fosse mais próximo dele do que os seus irmãos, filhos de um casamento paterno anterior. Além de o pai ter-lhe ensinado a lidar com as mulheres, aprendeu também com ele que os homens esquecem a amizade na disputa pelas mulheres:

me sinto mais próximo é mesmo é da minha mãe. Eu acho que, na adolescência, o meu relacionamento com o meu pai num era, assim, amistoso: ele era muito machista. Não sei se é porque eu fosse o caçula dele, mas ele era mais chegado a mim do que meus outros irmãos. Ele me falava, assim, acerca das mulheres; como agir com as mulheres como homem; de que tipo de homem a mulher gostava, assim, sexualmente. Ele sempre dava umas dicas. (...) Contava que as mulheres gostavam de carinho; falava sempre pra mim que, no relacionamento sexual, o homem num poderia pensar só nele, só no prazer dele: pra ele se preocupar no prazer da mulher. Às vezes, ele interferia, né, nos meus relacionamentos com as meninas. (...) Num sei se é porque ele gostava de mulheres. Eu dizia pra ele que se tratava duma questão pessoal. O ponto de vista dele, também, eu respeitava. Acho que ele teve de respeitar a minha opinião, meu ponto de vista diferente do que ele achava. Ele passou uma imagem dos homens: ele disse que existem amigos, mas, quando o assunto é mulher, muitas vezes, o “caboclo” esquece o companheirismo. Acho que a amizade, quando se trata de mulher, acho que num há amizade. Tratando-se de mulher e homem, é cada um por si: olha o que ele falava!

Tomás afirma que a relação com o pai é de freqüente animosidade, mas prefere se calar, pois seu relacionamento se transformou de um temor respeitoso em decepção e mesmo numa certa rejeição ao pai, havendo rara manifestação de carinho entre eles. Deixou de perceber seu pai como herói e se sente constrangido por ele e o irmão serem mais admirados em comparação às suas irmãs pelo simples fato serem homens. Embora pareça se sentir grato ao pai, que o incentivava a sair de casa e a enfrentar a timidez com o sexo feminino, aprendeu a evitar repetir as traições dele à mãe. Tomás também sentiu a pressão para corresponder aos ideais paternos de sempre ser o melhor em tudo, de ter *poder* e posição social e de prevalecer sobre as mulheres, o que considera influência negativa do pai:

às vezes, num concordo com muitas opiniões do meu pai, né? A gente discute certas opiniões e, geralmente, cai no aspecto financeiro, né? (...) A relação com o meu pai, antigamente, ela era baseada, assim, no respeito, no medo do pai, né? Hoje, (...) ela virou completamente porque eu enxergo muitos defeitos nele, atualmente, né? E hoje, eu diria que chega a ser uma relação de - eu num diria de desprezo, não, em absoluto - mas de vê-lo, assim, com inferioridade, vendo muitos defeitos nele, né? Isso mudou muito. Antigamente - não que você idolatrasse seu pai, né? - o pai num era herói, mas eu sentia aquele respeito por ele, né? Eu sentia um certo medo de desobedecer as ordens dele, né? Você vê, assim, às vezes, mandando você fazer determinada coisa, quando ele mesmo num faz, né? Por exemplo: teve uma vez, né, que eu fui trabalhar no mercantil - acho que um mercadinho dum amigo dele, né? Eu acho que eu tinha uns 13, 12 anos, né? Esse rapaz com o qual eu

trabalhava, (...) de vez em quando, me botava no caixa, né? E eu, menino pequeno, vendo aquele dinheiro, né, não resisti a pegar algum dinheiro. Eu pegava um dinheiro e comprava uma coisinha ali do caixa. Uma certa hora, descobriram o serviço, né? Aí, meu pai me bateu muito, num-sei-que, né, me fez devolver o dinheiro na frente do “cara”. Esse é um momento de maiores vergonhas da minha vida, né? (...) Quando eu acho que eu tinha uns 17, foi num mercantil, numa cidade do interior, e ele foi comprar uma foice ou foi uma enxada, né, de tal maneira que trocou o preço, né, pra pagar mais barato. Eu num falo mal porque num quero, né, isso também pra ele. (...) Têm esses e outros fatos que não podem ser bons. O “cara” faz e faz assim, na frente do filho, né, descaradamente, num-sei-que, mas eu nunca falo as coisas. (...) Conheço as minhas críticas, mas eu guardo. Talvez seja porque o meu pai, ele protege mais os homens, né? De fato, ele libera o dinheiro e entre eles há mais orgulho dos homens. Eu num acredito que, numa família, por exemplo, só por questão de sexo, tenha nascido dois homens inteligentes e duas mulheres “burras”, mas lá em casa, para esse plano sexual, (...) eles passam isso pra gente. (...) É já uma manifestação que se espera do papai, ele dar um abraço, num-sei-que, mas é raro, né? Um em cada 2 meses, ele me dá um beijo, num-sei-que. Eu, às vezes, até brinco: “mas pra que um e não mais?” (...) Eu num acharia chato beijar um homem, do pai beijar um outro homem. (...) É que o meu pai, ele nunca foi muito próximo, assim, dos filhos: não teve mais próximo até agora, né? É tanto que, até a questão do colégio, ele nunca me acompanhou: nunca ensinou, assim, a tarefa de casa, né? Era só na hora de assinar o boletim e dar o “carão” nas “notas vermelhas”, (...) né? Mas ele nunca foi, assim, muito chegado aos filhos, até de brincar com os filhos. (...) E hoje em dia, num brinca mais mesmo porque, agora, que nós mesmos não somos crianças, né, num tem esse relacionamento tão próximo. A relação minha com ele que influenciou as mulheres, que eu vejo, é nesse aspecto da traição, né? Isso é a coisa dele que mais me marcou em relação às mulheres, né: é nunca procurar trair porque você sabe que vai “pro balde”, (...) “cagar” na sua vida, né? Ele transmitiu, assim, mais o que eu achei errado, né: que o homem, ele precisa ter uma amante, num-sei-que. Tentando ser franco, é a imagem que ele passava, né, de o homem prevalecer sobre a mulher. Era tanto que, antigamente, antes de haver essa traição, minha mãe, o salário que ela ganhava, dava pra ele, né? Não sei se, às vezes, essa questão de época, né, de conceito, mas eu achava isso um absurdo: a mulher ganha o seu salário e dá o salário pro homem, pra administrar, num-sei-que, né? Era sempre essa questão. Eu num gosto dessa questão de, pra ele, a gente tem que ser o máximo. (...) Eu mesmo entrei na medicina mais por causa dele, também: “não, você tem que ser médico. Você vai ter que ser cirurgião, né?” (...) Às vezes, quando eu queria abandonar a medicina, ele ficava muito chateado, aborrecido, num-sei-que, né? No vestibular, ele prometia vários prêmios, né: “ó, se você passar no vestibular pra medicina, eu darei um carro, darei um videocassete, num-sei-que-lá”. Bom, eu sei que, depois, eu viria até a ganhar um carro, né: comprou um carro e deu o carro. Mas, aí, quando eu saí da medicina, ele: “troca esse carro. Agora, você vai sair da medicina: num precisa mais dum carro, não. (...) Quer dizer: ele sempre passou pra mim foi essa idéia de “só presta se você for bom, se você tiver lá em cima”, (...) você ter o poder, uma grande posição social, né? Isso ele passou, né: o homem ser melhor do que a mulher, né, mas isso eu via atrás do jogo dele, né? Nessa questão de vida, né, de relação com as mulheres, ele dizia assim, porque eu, continuando muito tímido, decerto ficava muito em casa, né, e ele sempre ficava querendo era me empurrar pr’eu sair. (...) Eu me sentia, às vezes, constrangido por isso. (...) E, por isso, talvez, eu tenha me recluso muito ao quarto. Hoje, diminui bastante, mas no meu período de 15 aos 20 anos, mais ou menos, 19, tinha época, tinha dias que eu ficava o dia todo no quarto, né?

Valdir era mais chegado à mãe, pois o pai não permitia muita aproximação e sempre foi muito pouco afetivo. Hoje, entretanto, conseguiu que ficassem mais íntimos e descobriu facetas interessantes que não imaginava dele. Apesar de negar ter seguido os seus conselhos, parece ter incorporado dele a resistência ao casamento, o que tenta transmitir também aos filhos, embora tenha se casado e se separado

de várias mulheres e afirme que não voltará a fazê-lo. Seu pai queria que fosse militar como ele, descrendo em sua opção pela engenharia, o que muito o desapontou. Entretanto, apesar do “peso” sócio-cultural da dominação e da violência masculinas, era sua mãe quem o repreendia e o punia quando sofria reveses nas brigas com outros garotos:

o papai, também, num entrava muito espaço. Hoje, ele já tá mais velho, com 75-76 anos. Tá mais “aberto”. Uns 3 meses atrás, eu tava lá no interior. Eu cheguei pra ele: me contou coisa que eu jamais esperei que ele me contasse - ele contar coisas de quando era rapaz. Lembrou um negócio que eu tinha feito, um cordel, num-sei-que. Ele até me pegou de surpresa: eu, com 50 anos; ele, com 75; e ele - sei lá - se relaxou lá e contou, e eu, pego, senti aquela coisa. Há umas coisas que ele é bom. Sempre foi muito seco. Eu, se eu tivesse ouvido o que ele me dizia, num teria nem me casado. Ele mesmo dizia assim: “rapaz, num casa. Rapaz, num casa”. E eu gravei isso - “rapaz, num casa”, como ele dizia - e até eu quero dizer pros meus filhos hoje: “rapaz, num casa”. (...) O velho, ele apenas queria que eu fosse ser militar, né, que ele era militar. (...) Mas eu desisti de ser militar porque eu já tentei - (...) tentei no Colégio Militar - não passei. E, assim, ele num gostou muito porque eu num fui ser militar. Inclusive, quando eu tomei minha conta de fazer engenharia, ele disse uma coisa que eu num vou me esquecer. Ele foi e disse: “você quer ser engenheiro! Você quer ser engenheiro!” Mas ele disse, assim, num ar que eu queria, mas num ia conseguir e tal. Pela aí, me marcou. A mamãe, quando eu chegava em casa “apanhado”, eu recebia um safanão: fazia a gente voltar pra (riso) “descontar”. (...) Eu num podia voltar “apanhado”. O que tinha apanhado, ou voltava calado, ou, então, num vinha com negócio de apanhar. Tinha que demonstrar que ia reagir.

Apesar da freqüência dos presentes e dos desejos sempre atendidos, Flávio tinha medo do pai, adotando uma postura de frieza em relação a ele. Considerava seus agrados mera obrigação paterna, rejeitando seus carinhos. Nunca conseguiu ser íntimo dele e até se refere a ele pelo nome próprio, não como pai. Embora rejeite a figura paterna, acredita que incorporou a idéia de que as mulheres são descartáveis:

meu pai, pra mim, sempre foi aquele “cara” que era só dinheiro. (...) Eu dizia, eu sonhava com uma coisa, e o troço tava na mão. (...) Ah, se eu dissesse, se sonhasse o quê que eu queria, antes de dizer, eu já tava com o troço na mão. (...) Meu pai era (...) um “cara” que me inspirava medo também, entendeu: medo porque bebia; medo porque ele brigava com minha mãe. Minha mãe brigava com ele até brigas feias e ele ameaçava que ia se suicidar. Pra mim, ele fazia uma festa, mas me preocupava com o meu irmão mais novo. (...) Ele num tinha coragem: ele era louco, alucinado pela minha mãe. (...) Ele era louco por mim, né? Eu tinha um certo medo, uma coisa assim. Pra mim, é como se fosse tudo perfeito: o que fazia por mim era obrigado, entendeu? Era por ser pai: era obrigado a fazer. (...) Eu nunca comentei: “ah, porque papai era isso. O papai fez aquilo”. Eu dizia “ah, porque Antonio é isso. Antonio é aquilo”. (...) Muito pouca a conversa com ele, sabe, muito pouca. (...) Eu tinha medo num sei de quê, porque eu tinha a minha mãe do meu lado e minha mãe mandava nele, mas eu tinha um certo medo dele. Doutor, inclusive - “eras”! Tenho até vergonha de falar! - mas o cheiro dele não me era muito agradável. Eu me lembro que, se eu tenha dado uns 2-3 beijos nele quando criança, eu senti algo salgado, né, e aquilo não me era muito bom. Foi muito pouco tempo: ele morreu, eu tinha 11 anos. Mas ele era louco. (...) Essas coisas, eu me lembro: da loucura dele por mim. Ele era um “cara” atípico, né? (...) Essa história de “mulher é pra se usar”, né? O meu pai, até velho, até antes de morrer, ele era um

“cara galinha”. É que tem uma cena que me vem à cabeça: ele me obrigando a andar com um garoto que tinha a minha faixa de idade - 8, 9, 10 anos - e eu sempre fui muito esperto. Eu já tinha ouvido em casa, uma ou duas vezes com a minha mãe, que ele tava com uma outra mulher, e esse menino, andando com a gente no carro, e, de vez em quando, eu notava - “ah, esse menino, parecido com você”. “Eles são a cara: são irmãos” - tanto desconfiando daquilo como se aquele menino fosse meu irmão, que, até hoje, eu desconfio que “seje”. Então, nesse sentido de usar as mulheres, ele me influenciou um bocado. Por exemplo: a mania de dar coisas, muito, pra mulher. É verdade que eu num dou, me entende? Se eu desse, eu tava “fodido”. Quer dizer: eu passo uma semana, 2 dias, 3 dias, mas meu pai tinha mania de negócio de jóia. Ele brigava com minha mãe, hoje; amanhã, trazia um anel, trazia um colar, sabe? Isso aí, eu tenho vontade, mas jamais confiaria dar uma jóia a uma mulher. Jamais: eu sabia que era “jogar no ralo”. Me vêm à cabeça aquelas mulheres muito “vamp”: a imagem que ele me fez ter das mulheres. Sabe aquelas mulheres muito vulgares, “peruas”, né? Ele sempre, pra mim, foi meio nulo. Então, isso num teve muita influência, não, porque era mais pelo lado da minha mãe. A coisa era mais da minha mãe. Quem “segurava mais a barra” era a minha mãe. A que era mais ligada à educação da gente era minha mãe.

Ernesto percebia o pai como uma pessoa mais fraca do que a mãe, mas temia a autoridade arrogante e o temperamento violento dele e sentiu falta de seu incentivo, admitindo sua influência à distância, embora não o considere um modelo de homem. Com o pai, entretanto, aprendeu a se precaver contra as mulheres muito ousadas:

com relação ao meu pai, apesar dele ser querido, ele tinha uma coisa autoritária que deixava ele inflamado. O meu pai tinha personalidade mais fraca. Era ruim pra mim. Devia ter um outro filho. Então, ele passava por uma personalidade mais fraca, apesar de castigar a gente. (pausa) Ele era ruim: só violência e um tanto arrogante. Ele batia na gente para castigar por tudo, mas, quando envelheceu, ficou mais próximo. (Pausa) Machista, né? Como minha mãe tinha a personalidade muito forte, eu achava ele fraco. Parecia ter mais autoridade do que ela, na hora de falar alto, né, quando eu apanhava. (...) Num tinha, assim, um modelo, tá ouvindo? Ele pouco enturmava, muito pouco. (...) Não me ajudava muito. (...) Um certo cuidado, né, com as mulheres por conta disso que os homens fazem com as mulheres mais “avançadas”, né?

Gilson sempre adotou uma postura diferenciada em relação ao irmão rebelde já morto para obter o amor e a admiração dos pais, se ressentindo da distância e da falta das atenções paternas durante toda a sua vida, mas tenta entender o pai a partir de justificativas sócio-culturais e históricas, pois se aproximou dele pouco antes de seu falecimento. Destaco que a necessidade de trabalhar e a função de provedor da família são sempre as principais alegações por parte dos filhos para justificar a ausência paterna. Gilson considera um tanto confusas as suas relações com os homens, sempre se policiando para não senti-los ou tratá-los como objetos de seu desejo, mas não sabe até que ponto aprendeu a desconfiar dos contatos masculinos com o próprio pai. Embora tenha demorado a aceitá-lo, acabou por incorporar e por se identificar com seu modelo de bondade e de simplicidade. Aqui, também, percebo a perspectiva dicotômica entre os *papéis sociais de gênero*, a

diferenciação dos universos masculino e feminino, bem como o exercício sutil do poder doméstico feminino na construção da subjetividade e da condição masculinas:

eu era mais próximo dela, criança, e tudo porque meu pai era uma pessoa muito distante. Eu acho que ele imaginava que o papel dele como pai, como homem, era o sustento da família e manter a casa, sobretudo. Eu acho que ele imaginava que aí acabava o papel dele como pai. Mas, depois, quando adulto, principalmente depois que eu saí de casa, (...) quando eu voltava para A., a gente sentava pra conversar e eu achava a conversa agradável. E até depois, quando eu passei a entender melhor, eu passei a ver que ele era uma pessoa simples. Ele era “aquela pessoa” e ele não tinha necessidade de mais nada: tudo era simples pra ele; ele se satisfazia com pouco; ele queria permanecer morando no interior, mas ela tanto fez que levou ele para A. porque nós íamos estudar. Eu acho que ele morreu, de enfarto ou não, mas em função disso, daquela vida de cidade maior. (...) Foi muito ruim porque nós não vivemos aproximação nenhuma, apesar do último ano de vida dele, eu ter passado a entender ele. E sinto uma coisa boa, hoje, em relação a ele, mas teve épocas em que eu tive raiva dele: minha mãe ter transmitido aquela idéia dele ser uma pessoa fraca, sem espírito batalhador, sem ser competitivo. Eu achava que tudo isso eram valores que ele não tinha, e depois, eu descobri que não era nada daquilo: ele era outra pessoa, outra coisa. (...) Meu irmão mais velho (...) “enchia o saco” de minha mãe também, e isso me desagradava muito, e eu queria protegê-la, e ficava naquela tensão, e eu não sei se fazia exatamente porque ela queria e procurava me comportar de uma forma exatamente contrária à dele pra ver se preenchia, se agradava: era o certinho, o arrumadinho, o limpo; não sujava a roupa; não voltava pra casa sujo, arranhado, batido, nada disso. E ele fazia tudo ao contrário: chegava em casa com a farda rasgada, suja; e apanhava; brigava na rua; voltava molhado, a roupa toda molhada de rio, que ele tomava banho. (...) Nem ele me agredia, nem me batia: até isso, já que ele batia muito no outro, surrava muito o outro, mas comigo, não, tanto que eu me lembro até hoje um “cocorote” que ele me deu na cabeça, com a ponta dos ossos do dedo. Até hoje, eu me lembro o local onde foi. Não sei se eu imagino que aquilo foi atenção que ele me deu: é a explicação que dou, mas, na realidade, na memória, até hoje, eu me lembro o local onde foi, como foi. Eu saí de casa em 67, e, nesse período que eu saí, agosto de 67 a janeiro de 69, quando ele faleceu, eu percebi que, quando eu voltava em casa - e eu fui morar em outro Estado; eu vinha em casa nos feriados - a gente se aproximava mais. Eu chegava e conversava com ele: abraçava quando chegava e me lembro que a morte dele me chocou bastante. Era uma coisa que eu não imaginava: eu já estava aqui em Fortaleza - a primeira vez que eu estive aqui e recebi a notícia - e saí correndo para A., para dar tempo de ainda pegar o enterro, e eu cheguei em cima da hora e estavam me esperando, e eu imaginava que não, mas logo no outro dia, a minha vida voltou ao ritmo normal. (...) Com os homens, pela primeira vista, parece que um tanto de desconfiança, não sei. Hoje, eu tenho uma visão muito diferente de mim, de minha relação com os outros homens porque, antes, eu via os homens, assim, como sexo: eu via o homem como objeto de sexo. Eu acho que era isso e eu não sabia, não entendia como me relacionar com os outros homens, além de meu irmão mais velho. (...) Hoje, eu tenho até alguns amigos, que não era uma coisa muito comum. Eu tinha um grupo no colégio. Eu tinha um grupo na faculdade, mas eu tinha até medo em algumas situações porque tinha alguns dos amigos que começaram a me ver como um objeto. Aí, eu dava como terminada a amizade. (...) Mas hoje, não: hoje, eu até consigo ter algum amigo. Eu tenho um amigo em R., da faculdade: (...) é uma amizade como poucas que eu tenho com esta pessoa, e não tem nada de atração, de nada. (...) Quando eu vejo um “cara” “meio” voz alta, gestos, assim, meio forçados, chega a me dar mal-estar. (...) É evidente que ele foi o modelo que eu demorei a aceitar, e hoje, é um modelo que aceito, como uma pessoa, uma característica. Talvez pelo temperamento passivo, ficou aquela idéia de que você só pode se relacionar se for com uma mulher mandona, arredia, exigente, que era o que minha mãe passava em relação a ele, e, naquela época, eu achava que ela estava completamente certa: que meu pai era agressivo, otimista, “pra frente”, brigão - essa era a

impressão que eu tinha. Hoje, eu acho chatíssimo imaginar uma mulher que “pega no pé”; que “enche o saco”; que chega, assim, cobrando. Eu acho terrível, mas, naquela época, eu imaginava que aquele era o papel da mulher: a mulher é que tinha que estar naquela “linha de frente”.

Pedro também entendeu tardiamente os limites do pai já falecido, lamentando que tenha sido envolvido durante muito tempo pelo maniqueísmo materno, pois a mãe ocupava todos os espaços e apresentava o pai como vilão e ela como santa. Embora sempre tenha percebido o tratamento preferencial do pai com ele por ser homem em detrimento de suas irmãs, praticamente não havia expressão de afeto entre eles, achando que foi pouco influenciado pela figura paterna. Apesar disto, acredita que incorporou do pai algumas atitudes sociais e relativas à família. Pedro sentia-se muito mal com as cobranças paternas de ser um homem “duro” e de gostar de armas como ele e seu avô:

eu praticamente não tenho lembranças com o meu pai, né? As lembranças são sempre com a minha mãe. Para mim, foi muito importante eu ter saído de casa: à distância, eu pude enxergar melhor as coisas, né, porque, infelizmente, a minha vida inteira, foi colocado o meu pai como um vilão e a minha mãe como vítima, uma santa, aquela coisa toda. Isso me afastou muito. Quer dizer: muitas vezes, eu me lembro que, até por parte dele, teve iniciativa de se aproximar de mim, mas como eu estava dominado - digamos assim, ideologicamente - pela minha mãe, eu repudiava qualquer aproximação dele. E isso foi uma coisa que, depois, me doeu muito. E, praticamente quando eu tive mais contato com ele foi no último ano, quando ele estava bem doente, e, mesmo naquele estado de doença, eu acho que tive mais proximidade com ele do que em toda a vida dele. Eu acho que existiu uma certa preferência, aquela questão de filho homem e pelo fato do outro meu irmão ter saído de casa cedo. Quer dizer, então, que eu era o único filho homem que estava em casa e eu avalio que existia uma certa preferência, né, em detrimento às mulheres. (...) Na última fase do último ano que ele estava doente, já havia essa coisa de pegar na mão, mas, a vida inteira, quando ele estava sadio, nunca houve aproximação física. Eu acho que, por essa coisa da distância - que a minha mãe monopolizava e ocupava todo o espaço - o meu pai teve pouca influência sobre mim. Então, eu diria que o meu relacionamento, essa coisa que eu falei das mulheres, foi mais ditado pela mãe, que ocupou realmente o espaço, do que pelo pai. (...) Em grande parte, ele permanece um desconhecido para mim. Ficaram mais coisas, assim, que, hoje, eu compreendo que herdei dele, né? Essa coisa de juntar: ele gostava muito de se juntar com os irmãos para tocar violão - tocava violão muito bem - essa coisa que eu gosto muito de música. Ele era uma pessoa que tinha relacionamento com todos os irmãos. Os irmãos dele eram brigados: quase todos eram brigados entre si, e ele era o único que tinha contato com todos os irmãos. (...) O pai dele havia sido delegado de polícia no interior. Então - contam - na infância dele, tinha pessoas que davam tiros na casa do pai. Então, ele era muito ligado nessa coisa da arma, né? Ele tinha um revólver e, às vezes, ele me chamava para o quintal da casa para treinar dar uns tiros. Acho até, assim, um processo interessante porque eu avalio como uma coisa que veio dentro de mim porque, ao contrário dele, era uma coisa que me fazia muito mal. (...) Ele me cobrava nesse sentido. (...) Uma lembrança que tenho e que me fazia muito mal era ir para o Náutico e ele me jogava dentro d'água, na piscina, e eu ter que nadar. Aí, eu ficava agoniado. Aí, ele ficava dizendo como se “ah, tá sendo mole”. Então, essa coisa, para ele, ficava muito essa imagem que homem tem que ser “durão”, né?

César se ressentia da grosseria do pai - especialmente com sua mãe - o que o deixava extremamente enraivecido e à qual sempre reagia. Veio a se aproximar dele quando o pai passou a respeitá-lo mais porque começou a trabalhar e a contribuir financeiramente com a família, deixando de lhe fazer imposições. Hoje, lamenta muito sua morte, pois vinha se aproximando mais dele, embora atribua a sua inibição para se relacionar com as mulheres à falta de gentileza do pai com a mãe. Acredita que o pai também o influenciou negativamente, ensinando-o a brigar pelo que queria e a impor sua vontade, mesmo utilizando violência:

é, eu sou muito mais próximo dela porque papai era grosseiro, né? Mamãe, não: a gente conversava. Até problemas de namorada, eu conversava com mamãe. Não conversava com papai porque ele nunca deu espaço para isso. Sexualidade era uma coisa que nunca se ouvia de papai. (...) A minha mãe brigava muito com meu pai: ela sempre chorava e tal e meu pai é que passava aquela imagem de ser macho, “durão”, meio mau, mas eu não consigo ver minha mãe relacionada com estas coisas porque minha mãe sempre foi, assim, muito frágil. (...) Por causa disso, eu sentia muita raiva do meu pai, muita raiva mesmo. (...) De 15 a 26 anos, foi muito tumultuado: muitas brigas, troca de insultos. Era uma época que eu estava me divertindo, não me definia profissionalmente. (...) Aos 27, (...) eu recebi um aumento: a coisa melhorou; o relacionamento com o pai começou a se modificar; passou a ser nosso irmão; a gente não mais discutia; não tinha mais insulto. Ele se tornou uma pessoa mais calma. (...) Eu fui me dar com meu pai foi nos últimos 10 anos: (...) graças a Deus, eu fui me dar bem com ele, que o sujeito não dá pra continuar se dando mal. Então, antes, eu me sentia muito mal com isso. (...) Antigamente, eu me colocava e me impunha nas discussões - se fosse preciso, eu “quebrava a mesa” - mas hoje, não. E, principalmente, que meu pai faleceu. Assim: faleceu o pai do meu pai e, com um mês, meu pai faleceu, né? Foram duas “porradas”. Meu pai era novo: tinha 58 anos, né, mas parecia 48, e, pra mim, foi uma “porrada” muito grande porque, antes dele falecer, a gente já tava se dando bem: a gente já se abraçava - que era coisa que não fazia antes - no Natal, festa junina; já me pedia dinheiro emprestado, e, antigamente, isso, ele não fazia. E ele me valorizava muito como profissional, né? (...) Só depois que eu comecei a me dar bem profissionalmente foi que mudou a situação, que, anteriormente, vivia uma vida difícil e que faltava algumas coisas em termos de alimentação. Eu tive uma certa dificuldade pra poder namorar: isso, porque o fato de ele nunca ter falado comigo sobre sexo, essas coisas, talvez tenha me inibido, e eu tenha visto mais a parte grosseira dele, como ele tratava minha mãe. (...) Ele era muito grosseiro e falava que a gente tinha que ser positivo, afirmativo: “quando você quiser uma coisa, tem que ser como você diz, não-sei-o-que”. Isso fez até muitas brigas que eu tive nas ruas, muitas discussões. (...) Papai não tinha estudo: ele só tinha até a 4ª série primária. Aí, tudo o que eu aprendi foi nas escolas. Ele me influenciou de uma maneira negativa, grosseira. Papai era assim: o desejo de papai era ser militar. Ele tinha uma coisa de militarismo: isso me irritava. Ele era grosseiro e eu era também. (...) Eu era grosseiro porque meu pai era grosseiro. Não existia esse tipo de conversa com meu pai. (...) A única coisa que ele falou é que nem sempre, quando uma mulher é bonita, é uma mulher correta e uma mulher certa. (...) Ele sempre me obrigava a fazer o que ele queria: (...) eu reagia sempre com muita ignorância. Havia sempre troca de insulto: tudo o que ele fazia, tudo o que ele dizia, eu sempre reagia com muito insulto.

Rogério não tinha proximidade nem com a mãe nem com o pai e não havia entre eles qualquer expressão de afeto. Lamenta a distância e o alcoolismo paternos. Embora arcasse com todo o sustento da casa e com o “peso” de ser o modelo ideal

para seus irmãos menores em sua juventude, Rogério jamais aceitou assumir o *papel sócio-cultural* de chefe da casa em lugar do pai, respeitando-o apesar da insistência da mãe de que adotasse essa posição. Destaca o despreparo e a omissão do pai, e, como muitos outros entrevistados, a necessidade de trabalhar para o sustento da família como justificativas da ausência paterna. Da mesma forma, aceita como uma limitação histórica e sócio-cultural a posição conservadora e machista do pai quanto às mulheres. Acredita que não a incorporou e que, até recentemente, não o incomodava a ausência de um modelo masculino:

nenhum dos dois: não sei se por mim ou por eles, né? (...) Nós nunca conversamos, em momento algum. (...) Agora, na velhice, ele já aposentado, trocava algumas informações sobre política, como votar, coisa rápida, mas ter um “papo” de pai pra filho nunca houve. (...) Num escutava ninguém. (...) Sempre respeitei, mesmo na fase que ele foi muito tempo alcoólatra, né, que caía pelas ruas, eu ia ajudar. Ele perdeu o emprego e a mamãe queria - eu “cortava no ato” - que eu “assumissem as rédeas”, que eu fosse realmente o chefe, naquele tempo: “enquanto ele for vivo, embora eu dê dinheiro e sustente a casa, mas quem manda é ele”. (...) Então, meu pai foi desprezado nesse tempo. (...) Num cabia nem tempo pra se encontrar, rapaz: ele saía pra trabalhar o dia todo; nós, também, pra trabalhar. (...) Num havia muito tempo mesmo, não, pra esse tipo de conversa, esse tipo de “papo”. No entanto, se ele procurasse, se ele tivesse outra visão, outra educação - que ele num teve - talvez procurasse mesmo. (...) Num sei se foi problema de tempo ou falta de conhecimento ou de preparo: acho que desinteressasse num foi, não. Eu até que acho que ele gostaria. Ele num tinha preparo. Num foi educado assim. (...) A não ser no aniversário, o abraço de aniversário, pronto! Ele foi totalmente omisso, mas por tradição. Aí, é a qualidade de machista que ele transmitiu: “mulher veste saia”, né? Mulher num era pra se pintar; num era pra afrontar o marido; fazer tudo o que ele queira, na hora que ele bem entender: essa visão bastante machista, ele passou porque essa era a visão dele da vida. Ele cobrava, assim, só da minha mãe querer ser independente, fatos acontecidos, né, televisão, jornal, negócios de família, às vezes, comentando: “isso tá errado. Mulher é pra ficar mesmo dentro de casa”. (...) Ele nunca deixou mamãe trabalhar, e, quando soube que ela quis trabalhar um tempo, até se sentiu mal. Nunca permitiu: “mulher é pra perguntar. Quem tem que trabalhar é o homem: dar sustento, mandar na casa - é o homem”. (...) Talvez porque ele não quisesse que ela participasse do orçamento, e, como tal, tivesse mais alguns direitos, sei lá, né, mas pode ter sido essa a razão. Sabe que, Georges, isso nunca me incomodou? Hoje em dia é que eu, lendo sobre psicologia e psiquiatria, é que eu vejo que a ausência do modelo masculino pode ter-me prejudicado: pode constituir tudo isso aí, determinante, né? Mas, na época, isso num me incomodava, não: num me senti impotente; num me sentia que ele me desprezava, marginalizava, não. Eu achava que aquilo era normal.

Lucas atribui a distância entre ele e o pai à introspecção de ambos e à dificuldade mútua de expressar sentimentos, mas, eventualmente, se questiona se sua homossexualidade teria algo a ver com a figura paterna, admitindo a falta afetiva que a ausência do pai provocou nele:

sou mais próximo dela do que do meu pai até porque meu pai tem um jeito, assim, “fechado”, de uma maneira muito introspectiva, e eu também sou um pouco assim. (...) Eu acho que é uma relação muito distante. Quando criança, melhor, mas depois da adolescência pra cá também: ficou mais distante ultimamente. Quer dizer: uma distância que é mais uma

distância física, que eu percebo que tem muito sentimento, né, mútuo. Sei que ele gosta muito de mim; eu gosto muito dele: talvez a gente não tenha aquela maneira de ser e não tenha como expressar o sentimento, mas existe o sentimento. Não é uma relação fria, não, sabe: é uma relação, só que não é mostrada, nem comigo nem com meus irmãos. Eu acho que sempre foi. Eu questionei muito a condição, né, de homossexual, que estaria ligada à questão do pai. (...) Talvez a falta que eu sempre tenha percebido seria na relação ao carinho, à demonstração do carinho, né? Ele sempre foi muito uma coisa muito distante, né? Talvez isso aí tenha me feito falta. Até a nível inconsciente, talvez, ainda faça muita falta essa história de demonstrar afetividade, né?

O distanciamento entre Guilherme e seu pai - que nunca foi um modelo de homem para o filho - tornou-se crescente a partir da adolescência, enquanto a expressão de afeto decrescia, o que provocou um vazio em relação à função paterna, pois atribui ao pai sua dificuldade de ser amigo de outros homens. Entretanto, considera que seu pai, bem ou mal, serviu como um modelo para se relacionar com outros homens, embora sua imagem seja predominantemente negativa devido ao desprezo que percebia nas atitudes paternas, reagindo a elas também agressivamente:

eu já sinto que a minha experiência com o meu pai sempre foi muito distante. Melhor dizendo: quando eu era menor, assim, até uma certa idade, (...) eu me sentia muito próximo, mas, na medida que eu fui crescendo, na adolescência, então, a distância foi aumentando. (...) Acho que vem de falhas dele mesmo, de ter construído essa relação. (...) Insatisfeito, eu diria: eu acho que sinto falta, uma certa lacuna. (...) Eu acho que, de uma certa forma, ela contribuiu também, em relação ao meu pai, pra dificuldade de construção da minha falta de amizade, eu acho. Por exemplo, eu num sentia o meu pai, realmente, um modelo de homem que eu gostaria de ser: (...) a falta da relação mais afetiva, mais próxima; a forma dele ser; a distância, não só corporal - mas também corporal - mas, assim, uma distância em geral; comentários. Eu me senti desrespeitado, assim: meu pai sempre desconsiderava qualquer opinião dos filhos e tal, qualquer coisa. Num havia quase diálogo. Continua assim: uma relação mais formal, mas numa relação que eu diria próxima. Não tenho mais raiva, como eu já tive muitas vezes do meu pai, mas também não me sinto próximo. Essa construção com a identidade masculina me deu outro sentido: (...) saber direito o que fazer com os outros homens, como se portar. (...) Num era exatamente o ideal de homem que eu gostaria de ser. Falava, eu diria, mais pelo comportamento. Geralmente, acabava em agressão: eu revidava. Eu me sentia agredido pelo desprezo. Então, agredia. Era agredido também como revide mesmo. É, eu discutia: agredia verbalmente, com as falas.

O alcoolismo afastou Edson de seu pai, passando a rejeitá-lo apesar das manifestações de carinho da parte dele. Tais expressões de afeto diminuíram na adolescência, mas o filho vem tentando questionar sua resistência ao pai, embora o considere um modelo negativo quanto ao relacionamento com as mulheres. Acrescenta que seu pai foi um modelo de homem dúbio, ao mesmo tempo sereno e forte para resolver problemas externos, mas irresponsável e sem autocontrole, enquanto a mãe se dedicava à igreja e à religião:

mais próximo da minha mãe, acho que por conta do alcoolismo dele. Quer dizer: faz poucos anos que ele parou de beber. No momento que eu estava morando com ele, né, na maioria do tempo, ele estava um tanto envolvido com bebida. Então, isso distanciou a gente: uma relação difícil, muito difícil, intermitente - não foi contínua - interrompida (...) principalmente por conta do alcoolismo dele, apesar dele (...) estar presente e mostrar, de alguma forma, carinho. Era eu que, na verdade, rejeitava esse tipo de relação “quebrada”. (...) Na infância, sim, me lembro muito de sentar no colo dele, de contar história, essas coisas. Aí, depois, durante toda a puberdade, adolescência, diminuiu muito, se tornou quase inexistente, e, nos últimos 3 anos, a gente tem reunido mais. O negativo da fotografia: tentando fazer uma relação com as mulheres naquilo que ele não tinha conseguido com a relação com a minha mãe, né; assim, de ser mais presente, de não se afastar muitas vezes pela bebida, no caso; tentar uma maior constância na relação; tentar estar com a mulher, ao invés de estar bebendo com os amigos no bar. É uma coisa que, por exemplo: meus amigos tão bebendo, eu “tô por fora”, né? Não tomo. Bebeu? Nem fale comigo. Duas imagens: uma, assim, muito de serenidade, de fortaleza mesmo. Em certos momentos em que minha mãe estava alterada, tinha reação de reagir com violência: ele era uma pessoa muito calma, de “pára, aí! Vamos resolver”, né? Então, marca essa calma e essa tranquilidade de resolver o problema. (...) E, de outro lado, era uma certa irresponsabilidade, né? Esse ter domínio nos problemas externos e não ter domínio de si, né? (...) Aí, eu acho que as mulheres têm mais um certo domínio delas. O que, talvez, ele transmitiu é uma coisa meio que em relação à minha mãe, à história dela: muito religiosa, gostava de igreja. Então, talvez, viesse de lá: de não tá cuidando da vida; de não tá ganhando a vida; de tá preocupado com outras coisas, né; o estar fazendo coisas que não interessavam; somente coisas importantes, transformando. É até meio engraçado.

Apesar de sua aproximação recente, os preconceitos homofóbicos e racistas de seu pai geraram em Marcos problemas para se relacionar com seus amigos e com outros homens. Acredita que foi pouco influenciado por ele no trato com as mulheres. Ressente-se da falta de diálogo com o pai, pois tinha que “se virar” sozinho diante da descrença paterna, situação a que reagia energicamente, embora reconheça que aprendeu por seus próprios meios. Uma vez mais, podemos perceber aqui a importância que nossa cultura e nossa sociedade impõem a independência e as iniciativas masculinas:

o meu pai sempre foi “daquele tipo”. Por exemplo: eu tinha um amigo que era um “negão” de 1,90 m., que era uma pessoa muito próxima a mim. Era um amigo mesmo, o melhor que eu tinha. Na época, eu tinha uns 15 a 18 anos. (...) Ele vinha lá em casa: tocava a campainha pra gente sair pra dançar. A gente fazia tudo junto. (...) O meu pai sempre dizia “lá vem o ‘veadinho’ do teu filho” - quer dizer: se referindo ao meu amigo - ou “a noiva”. (...) Minha mãe dizia: “que ‘veadinho’, nada! É amigo dele. Deixa: eles vão sair; vão dançar”. (...) Meu pai nunca encarou isso “legal”. Quer dizer: não gostava que eu trouxesse pra casa as meninas que eu estava namorando nem os amigos também. Sequer, com o meu pai, conversei sobre a minha primeira “transa”, sobre sexo, sobre nada, nada, nada, nada. O meu pai foi totalmente inexpressivo na questão, na minha formação sexual, no meu trato com as mulheres. (...) E, com relação aos homens, era o pior conceito que você pode ter: “homossexual, ‘veado’. Esses ‘caras’ só gostam de dar o cu. (...) Preto filho da puta! Não quero preto aqui em casa!” (...) Se tinha alguém precisando fazer um curso de como ser preconceituoso, faça um curso lá com A., que ele era ótimo nisso (risos). Não me falou em nenhuma mulher. Eu não sei quem ele “comeu” ou deixou de “comer”; eu não sei qual é a mulher bonita para ele: (...) não sei nada. A gente assistia novela e o meu tio falava “‘pô’, essa mulher é ‘boa’ mesmo” e o meu pai não emitia nenhuma opinião. (...) Hoje, já está um

pouco mais tranqüilo. Não sei: acho que eu estou começando a conversar com ele de forma confidente. Nossa! Quando a gente era pequeno, era só o resto: o meu tio falar coisas de mulheres, de eu saber mais da vida sexual do meu tio do que do meu próprio pai. A única coisa que o meu pai falava era o seguinte: "você tem que fazer as coisas por si só". Respondia do jeito que eu respondo hoje: a minha vida é uma resposta àquilo que ele me ensinou. "É para fazer o que eu quero?" "É". "Então, um abraço para o senhor! 'Foda-se' a sua loja! 'Foda-se' a sua oficina mecânica! Estou indo cuidar da minha vida. Vou construí-la e vou trazê-la aqui na sua porta: tudo aquilo que você está falando para eu fazer. Então, eu vou mostrar para você que sou capaz de fazer tudo aquilo que você diz que eu não sou capaz de fazer".

Assim, é razoavelmente comum que, nos tempos atuais, os filhos se sintam confusos quanto à sua própria *subjetividade masculina*, pois o modelo patriarcal já não é unânime nem parece dar conta das diferentes manifestações da masculinidade contemporânea. Apesar de ser mais freqüente hoje que os pais busquem mais ativamente uma relação íntima e carinhosa com seus filhos, ainda é comum que se instale no ambiente ilusoriamente seguro e acolhedor do lar um novo tipo de violência - a violência *indiferente* ou *passiva* - em que a desatenção e o descaso do pai geram desprezo por parte dos filhos, tornando difícil sua *identificação* com a figura paterna, cuja posição pouco firme, distanciada, inconstante ou insegura dificulta que os filhos desenvolvam uma *subjetividade adulta*, e impedindo, por sua vez, que *construam* sua própria *condição masculina*.

Alguns homens, mesmo quando não cobrados pelo pai ou pela família, sentiram-se pressionados a adotar atitudes associadas ao modelo dominante do *poder sócio-cultural* masculino: firmeza, decisão, objetividade, agressividade ou mesmo violência. Foi o que aconteceu com João em seu campo de trabalho profissional:

algumas vezes, eu já "topei" com isso, viu? Até no meu trabalho eu sou uma pessoa negociadora: procuro resolver as questões no diálogo, num sabe? Então, eu vejo muito isso. Eu trabalho sem criar grandes traumas. Eu num tenho tido "pegas" - digamos assim - num tenho tido grandes problemas pessoais como administrador, e algumas pessoas, principalmente meus colegas diretores, acham que eu devia ser mais macho no trato de algumas situações. Eu acho que o grande equívoco está com essas pessoas, e eu acho que eu estou certo em procurar resolver as coisas, até hoje, sem "trocar tapa", sem levantar a voz, sem criar inimizades, tudo tentando negociar até as últimas circunstâncias. Eu acho, por isso, (...) que o meu modelo - modelo da negociação e modelo do diálogo - é melhor do que o modelo da discussão áspera. Nunca discuti asperamente e nem sei discutir asperamente.

Haroldo, por sua vez, percebe a cobrança que ele mesmo se faz de ser um homem mais firme e decidido: "eu mesmo me faço a cobrança de ser mais decidido, mais

rápido, mais eficaz, menos lento e mais firme. Eu penso que eu poderia ser mais objetivo”. De sua parte. Luís sente a cobrança dos amigos:

meus amigos (...) me cobram muito, (...) nos meus relacionamentos, eu, né, ser generoso, às vezes. Eu ainda sou daquele tipo que ainda dá presente; ainda sou daquele tipo que gosta de ir prum cinema, gosta de ir pruma praia, uma beira-mar. Gosto de me divertir, e, às vezes, os meus amigos cobram, dizem que “não, tem que sair é só os homens juntos”, esse negócio: “mulher fica em casa”. (...) Muitas vezes, é necessário ser tachado ainda de machista, né?

Os próprios pais de Tomás lhe cobram que consiga um emprego e que seja financeiramente independente, o que lhe parece coação, embora ele mesmo também se faça tal exigência:

eles fazem no sentido do emprego, da realização profissional: ‘já está crescendo, 25 anos, já é um homem, né? Já precisa ganhar o seu dinheiro, num-sei-que. Num pode mais ficar só aqui, dependendo da gente, não’”. Bom, eu me sinto, assim, coagido. Eu num gosto. Eu odeio quando eles fazem isso comigo, né? Eu chego a sentir, assim, raiva deles, tudo mais, né, mas, ao mesmo tempo, eu também (...) sinto essa cobrança comigo mesmo: “‘pô’, ‘cara!’ Já devia tá fora, num-sei-que, né”? Devia tá ganhando o meu, né? Também me cobro muito, né?

Valdir atualmente não se sente cobrado quanto a adotar atitudes culturalmente consideradas masculinas, pois já as incorporou, considerando-as positivas, embora acredite que suas ex-esposas tentassem dominá-lo:

ninguém me cobra, não, e, também, se me cobrar, eu num vou dar vexame. Pois é o que eu digo: se a pessoa recua, o outro avança. É só cobrar. O ser humano, acho que ele é dominador por natureza, principalmente no relacionamento. No relacionamento entre pessoas, alguém vai querer dominar alguém, seja homem, seja mulher. E uma mulher cobra muito do homem, né? Ela cobra até perdendo autoridade, mas, pra mim, esse tipo de cobrança só facilitou.

Aposentado, Ernesto se sente pressionado a voltar a exercer alguma atividade profissional, o que considera difícil de acontecer, mas admite que cogitaria em voltar a trabalhar se tivesse chance: “um amigo meu, que ele me cobra essas coisas de trabalhar, né? Eu acho ruim, assim, numa certa parte: fico em dúvida porque acho improvável que aconteça. Se tivesse oportunidade, ia fazer pra trabalhar mais”. Mário se sente pressionado pelo namorado, que lhe cobra atitudes mais firmes. Admite que se incomoda, reagindo com aborrecimento, pois considera tais cobranças “um ‘saco’! Eu sempre digo: ‘deixa eu ser eu’! Me importo também muito nesse sentido. Às vezes, eu fico ‘seco’”. José já incorporou integralmente as exigências paternas de ser o primeiro em tudo o que faz, antecipando-se a qualquer cobrança neste sentido e admitindo sua competitividade e sua frustração por não poder ser sempre um vencedor:

sou eu mesmo que quero ser o primeiro. É bom porque é estimulante. Por exemplo, é sempre aquela velha história: eu nunca estou satisfeito de lutar porque sempre acho que dá para fazer mais. É ruim porque você não consegue ser o primeiro em tudo: isso deixa um certo gostinho amargo na boca porque eu gostaria de ser o primeiro em tudo, e eu fiquei, na minha mente, Georges, de uma maneira que eu quero ser primeiro em tudo.

Apesar de não ser mais cobrado pela família, César ainda se exige conseguir sucesso profissional, pois também sente a mesma pressão no trabalho:

eu faço pra mim mesmo, né? Mas ninguém me faz, a não ser no sentido profissional: há, nesse sentido, um tipo de cobrança, né? - eu não conseguir, eu não conseguir me equilibrar. Então, o pessoal reclama. Então, meus irmãos e minha mãe entendem que eu estou trabalhando, né, mas só que está custando a vir o retorno. (...) Tem seu lado positivo e o seu lado negativo: (...) o lado positivo é porque as reclamações, de certa maneira, têm sentido; e o lado negativo, de qualquer maneira, é que me aborrece.

Marcos não se sente cobrado a fazer nada, pois se sente perfeitamente à vontade do *papel sócio-cultural* atribuído aos homens: “aquele que faz”. Rogério não se sente exigido pelas pessoas à sua volta, mas afirma: “eu que cobro dos outros”. Renato se ressentia da falta de um modelo masculino mais forte na figura do pai, mas é cobrado pela namorada, pelos amigos e no trabalho, procurando se mostrar mais agressivo e rude:

hoje, eu sinto falta de não ter brincado mais com os meninos na rua. Eu sinto muita falta disso, que eu fui proibido pela minha mãe. Eu noto que, às vezes, isso ajudaria no comportamento que eu teria profissionalmente. (...) Eu acho que eu saberia “me virar” melhor se eu tivesse tido esse convívio de rua. Agora, eu sinto vontade, também, dele ter sido mais exemplo pra mim, “tipo” eu vejo amigos meus agirem hoje, mas eu vejo que eles tinham uma pessoa em quem eles “se espelhavam”, sabe? Eu não vejo essa pessoa. Ah, sim - “porra!” - minha namorada, amigos mais próximos, né? (...) Tá vendo como é bom ser “escroto”? Você é “escroto”, e, num instante, o pessoal vai chegar cedo, quer lhe atender e tal. Ao mesmo tempo que você, sendo mais “escroto”, mais rígido, você faz as coisas acontecerem, (...) você corta uma via de comunicação com os outros. Isso, eu também notei nos outros empregos que eu freqüentei. Quer dizer: às vezes, a peãozada me falava algumas coisas pra melhorar o processo, e eles não falavam para o mais “escrotão”. Só que, quando chegava a hora de mandar, eles obedeciam ao “grandão” lá de cima. Então, eu sinto falta disso.

Jorge controla e censura seu temperamento explosivo, que o leva a agir como um *macho* violento: “eu sou um pouco explosivo, temperamental. Então, quando eu extrapolo, existe uma cobrança no sentido contrário. Às vezes, até ‘estouro’. Se tiverem razão, segundo o que eu avaliar, eu tento corrigir a estupidez. Se não, eu não me desculpo”. Guilherme se exige muito que consiga manifestar mais livre e espontaneamente sua virilidade:

eu acho que as cobranças maiores são mais minhas mesmo. (...) A cobrança que eu me faço é mais de “deixar mais correr mais frouxo”, expressar de forma mais livre a minha

própria sensualidade, sexualidade masculina. Eu acho que isso é bom, até porque sinto dificuldade de “me dar”: tenho uma coisa de refrear, de cumprir.

A partir dos depoimentos descritos acima, deduzo que as exigências sócio-culturais de uma masculinidade pronta e acabada a partir de um modelo previamente incorporado – o patriarcal – ainda são marcantes mesmo nos homens contemporâneos. Apesar de perceber algumas sensíveis mudanças nas manifestações da paternidade, conforme pude destacar através das falas masculinas aqui expostas, entendo que as marcas do padrão patriarcal ainda se manifestam em campos diversos, particularmente através do endosso à sexualidade, à agressividade e à violência masculinas, à estruturação familiar que diferencia os *gêneros* e à necessidade de que os homens trabalhem sempre para cumprir a provisão das mulheres e dos filhos. A figura paterna, freqüentemente omissa, desprezada ou rejeitada, ainda é o principal representante deste padrão em nossa cultura. Acrescento que o “mínimo” *poder doméstico feminino*, apesar de freqüentemente negado ou rejeitado, também é perceptível em várias falas de meus entrevistados, a mãe e a mulher sendo ainda o esteio no qual muitos homens assentam o exercício de sua masculinidade. Pode-se perguntar se a imagem da paternidade que meus entrevistados incorporaram e os influenciou ao longo de suas existências continua sendo a mesma que eles mesmos *construíram* e exercem atualmente junto a seus próprios filhos. É esta possível nova faceta sócio-cultural que discuto em seguida.

3. Uma Nova Paternidade?

Assim, passo a tratar das possíveis transformações sócio-culturais sofridas pela paternidade de meus entrevistados na contemporaneidade em comparação à paternidade conforme foi apreendida no relacionamento com seus próprios pais. Que mudanças nos relacionamentos com seus filhos eles incluíram a partir das freqüentemente difíceis relações com seus pais? Como se percebem meus informantes como pais? Como vivenciam afeto e manifestam intimidade com sua prole? Como se aproximam ou se diferenciam das atitudes de seus pais? Reproduzem ou se diferenciam da paternidade de seus genitores?

Surpreendeu-me que João acredite que seu pai seja menos conservador do que ele mesmo. Entretanto, atribuiu suas reservas quanto à intimidade com a filha ao temperamento herdado do pai e às diferenças entre os mundos masculino e feminino. Assim define, justifica e compara a relação que seu pai tem com suas irmãs e o seu relacionamento com a única filha, afirmando que tem com ela

uma relação boa, uma relação de pai brasileiro, nordestino, comum, com sua filha. Sempre fui um pouco distante porque a filha sempre é mais apegada à mãe. Eu acho que a relação de meu pai com minhas irmãs é muito parecida: ainda tem alguma coisa com a minha relação com a minha filha, apesar de que nós temos uma relação muito mais aberta hoje, muito mais próxima do que meu pai tinha com minhas irmãs. Mas ainda guardo alguma coisa, algum resquício de atraso, que eu acho que eu devia ser mais “aberto” com minha filha, mas sou um bom pai. Então, o meu relacionamento com ela é idêntico o relacionamento das outras filhas com todos pais porque é comum, apesar d’eu achar que ela é mais “aberta” comigo, né, do que eu próprio com ela: daquelas coisas que existem ainda do meu pai, que eu ainda guardo, que são defeitos, mas eu aprendo e parece que ela me educa mais em algumas circunstâncias do que eu a ela própria. Isso é uma coisa também cultural. Ah, você sabe: geralmente, a filha se aproxima mais da mãe e o filho se aproxima mais do pai. (...) A família do pai, que é minha, mora no sertão: é mais distante. Então, ela vive dentro de um mundo feminino. Isso faz com que ela se apegue mais ao feminino do que a mim, que represento ainda um mundo estranho pra ela, que é o masculino. Eu e o namorado dela somos dois elementos diferentes do mundo dela. Ela tem três tios: dois são homossexuais, mas tem um que é muito machista, né? - um machista muito mulherengo, apesar de ser também artista - mas ela é apegada aos dois e à mãe e à tia e à avó: é um mundo totalmente diferente. (...) Meu pai sempre teve uma relação com minhas irmãs muito “aberta”. Meu pai é um sertanejo que minha irmã, com 18 anos, ela foi conviver com um homem desquitado. É o seguinte: se “juntou”, né, com 17 pra 18 anos - com um homem casado, inclusive - e meu pai encarou isso com a maior naturalidade, “num deu a mínima”, não se manifestou nem quando, depois, os dois se casaram, quando ele se divorciou, já com filho com ela. Então, ele tratou essa questão de uma forma que eu achei brilhante. Meu pai sempre encarou, e nisso eu acho que eu me acho até um pouco mais atrasado, mais preconceituoso do que ele. Me parece que ele é mais “aberto” pra essas coisas. (...) A outra, que divorciou-se, já vive com um rapaz que é roceiro lá: trabalha com ele e meu pai trata isso com uma naturalidade impressionante, que meus tios vivem horrorizados, mas meu pai, não. (...) Ela me beija, me abraça, (...) me toca. Eu faço também isso, mas com menos frequência. Quer dizer: ela é muito “aberta” comigo. Se esquece, às vezes, e me trata como trata os dois tios especiais dela. Às vezes, pergunta, quando quer que eu ache também o namorado dela bonito: “olha, como ele é bonito!” - aquela coisa de ter, assim, até uma certa intimidade, que o fato de eu ser “machão”, vejo o namorado dela já diferentemente, né, do que os dois tios dela vêem, né? (...) Eu sempre brinquei com ela, cuidei dela, botava pra dormir. A imagem que eu tenho das mulheres é da ternura, da beleza, da inteligência: é de um ser muito sensível. Eu faço tudo pra ela gostar das artes, né? Tudo o que eu vejo de bonito nas mulheres, eu procuro transmitir pra ela, né: o meu lado feminino, né? Eu num influencio muito as escolhas dela, se bem que ela ter escolhido esse namorado... É bem o segundo ou terceiro. Pessoas incríveis, que eu gosto demais, os meninos são. Esse que ela namora agora, pra mim, é uma pessoa “fora de série”: um rapaz que chega, aperta a minha mão. Quer dizer: eu tive sorte até hoje de ela ter namorados de acordo com - me parece - um modelo que eu... Eu num sei, também, se ela arranjasse outro tipo, se eu ia ter alguma coisa contra - que eu num tenho a experiência - mas os namorados que ela arranjou até hoje, todos foram pessoas do meu agrado, né? Então, que eu achei que ela é uma pessoa que sabe escolher as pessoas certas pra namorar.

Haroldo mantém alguns elementos da sua relação com o pai no contato com seus próprios filhos. Protetor, assim define sua relação com os dois filhos:

paternalista no sentido, assim, de pai determinado, né? Um pouco de demasia, né, nesse cuidado. Minha procura é num reproduzir aquelas coisas que eu achei inadequadas nessa relação do meu pai, com os meus filhos. (...) Eu acho que "seje" questão afetiva mesmo, da mãe com o filho: é muito mais próxima. Bom, eu tento agir diferente: repetir o que achava "legal" e não repetir aquilo que eu não achava "legal". Então, isso é ser diferente. Essa hombridade, essa maneira de se relacionar, etc. e tal, eu acho "legal". O papai, quando eu era pequeno, ele batia na gente: disso eu num faço, embora eu procure ser meio áspero, rigoroso com meus dois filhos. Às vezes, eu boto de castigo. O castigo é "entra no quarto e num sai, num assiste televisão", esse tipo de coisa. (...) Principalmente abraços, aperto de mão; às vezes, beijo. O mais velho, a gente sente que ele, quando é pequeno, toda noite vai lá no quarto, dá boa noite, né? Agora, já não faz tanto. (...) Ser cavalheiro, né, de ser cuidadoso, de ser gentil, de evitar disputar algumas coisas com as mulheres. Eu acho que, através dos colegas deles que vão lá em casa etc., então, eu acho que termina se passando alguma coisa, né? E tratar, também, com gentileza, né? Por exemplo: essa história de brinquedo emprestado. Eu digo assim: "olha, você tem que ter cuidado. Num pode tá emprestando pra todo mundo. Tem que ver se é um amigo seu, se essa relação, também, há reciprocidade, e se essa coisa que ele tá pedindo emprestado num é uma coisa que é muito particular sua. Se for, você não deve emprestar". Acho que isso aí implica em alguma coisa de como se relacionar com outros homens. Sim, porque é muito complicado. (...) E eu me "peguei", outro dia, dizendo assim: "não, rapaz! É isso aí: bateu, 'levou'!" Num vai atrás de briga, mas, se brigar, né, "dá o troco".

Separado da mulher, Luís tem apenas contatos esporádicos com a filha, embora se preocupe bastante com ela:

o relacionamento com a minha filha é um relacionamento, assim, um pouco distante. Eu vejo minha filha, assim, 2-3 vezes por mês, e é assim: a gente passa de um dia. Ah, eu sou muito carinhoso com a minha filha, apesar do tempo que eu passo sem ver ela agora: é uma mostra, assim, de carinho que ela tem comigo. Acho que, em relação ao relacionamento com o meu pai, parece um pouco porque eu sou muito preocupado com a minha filha em todos os aspectos. Ela mora com a mãe dela, e a mãe dela mora com os avós, e, com a separação, no caso, aí houve um rompimento do diálogo com a família dela. (...) Por ela morar na casa dos avós, com a minha filha lá, eu num procuro ir lá pra ver minha filha: só quando ela traz. Acho que eu fico chateado. Acho que é circunstancial. (...) Quer dizer: incondicionalmente, ela tem o direito de ficar com a menina até os 13 anos. Eu acho que, se convivêssemos ainda juntos, talvez eu tivesse mais proximidade da minha filha do que a minha própria esposa. O que eu noto, assim, em relação à menina, não sei se por causa do relacionamento da gente, mas eu noto uma certa indiferença dela com a criança. Eu acho que eu tento agir diferente porque eu sou mais "aberto". (...) Apesar da minha filha ser pequena, mas eu acho que os passos do meu pai em relação ao nosso relacionamento, eu acho que eu não seguiria, assim, à risca. Há manifestação de carinho, de afeto. Eu acho que eu vou tentar passar pra ela uma imagem acerca da mulher, o que é ser mulher, indiferente da mãe dela querer manter ou não manter diálogo com ela. Acho que a imagem que eu vou tentar passar pra ela é da mulher independente: não depender de ninguém; pra ter suas próprias decisões; não se deixar "levar" pelos outros. Primeiro, eu falaria pra ela, no momento oportuno, sobre sexo, sobre se prevenir, como se prevenir e, acho, que escolher a pessoa certa (...) - se bem que eu acho que é muito difícil de se encontrar a pessoa certa - mas pelo menos o básico: precaução, a prevenção, sobre AIDS, sobre esses tipos de problemas que tão à tona agora.

Valdir tem 8 filhos, tendo muitas mágoas deles, o que me expôs longamente. Afastou-se dos quatro mais velhos ao se separar de suas mães, do que muito se ressentiu, argumentando que nunca desejou ser pai. Entretanto, afirma que se sente responsável e que tem prazer no contato com eles, o que nunca percebeu claramente no pai:

minha relação com os meus filhos é difícil porque eu tenho uns problemas, né: dois filhos com uma mulher; dois filhos com outra mulher. Aí, quer dizer: é eu me dividir pra “a” e pra “b”. Eu prefiro ir “levando”: vai “na valsa”. Eu vou dar toda atenção que eu puder, mas num vou mais ficar com aquele complexo de culpa, assim, porque eu deixei de fazer alguma coisa a mais. Eu faço, mas é da minha forma. Os antigos, não: os grandes, eu, Georges, desde dessa última vez que eu fui lá, eu nunca... Até na época, tava no conflito que o senhor viu, né? Eu gostava deles, mas eu acho que eu nem percebi isso, né? Às vezes, eu me “pego” perguntando como é que eu possuo filhos, né, mas eu consegui, num é, “numa boa” (sorrindo). Tão com 11 anos que eu tenho um ressentimento muito grande: a mãe deles me trata ruim. A mãe deles proibiu, de me esconder tudo porque, (...) cada vez que eles vinham, eles gostavam muito, né, aquela alegria; quando voltavam, era um “chororô”, era um negócio ruim, triste. Assim: eu me sentia mal, chorava e tal, e eles também, né? Aí, também, com hora pra juntar: comigo, eram 4; eram 4 com a l., e ela dificultava. Se não fizesse isso lá, “a menina é minha”! Aí, aquele negócio foi me aborrecendo. Aí, eu digo: “rapaz, vou acabar dando isso”. De início, nem cismaram em buscar; aí “pegou”. Tá com quanto? 17-18 anos. Desde 81: 17 anos. Eu vi um, o menino. Eu vi ele em 85 porque, numa oportunidade, ele veio me pedir pra fazer para o Colégio Militar. Ele me veio pedir porque, naquela época, o Colégio Militar, quem era filho de militar tinha uma certa prioridade, e o meu sogro - no caso, o avô dele - ele era coronel do exército: tinha mais chance de que com o pai de entrar para o Militar. Ele veio me pedir pra eu dar uma autorização pra ele entregar pro avô dele, e eu fui, perguntei se ele se lembrava de alguma coisa que ele tinha convivido e tal - isso, depois duns 3 ou 4 anos que a gente tinha convivido, né? - e ele disse que num se lembrava de nada. Aí, digo: “então, ‘bicho’, eu num vou te dar o documento, não, pelo seguinte: porque tu num se lembra do que aconteceu. Nós convivemos 6 anos e você num se lembra, tá? Quer dizer: há 4 anos, você tinha 10 anos. Há 4 anos, você já esqueceu tudo. Então, eu dou esse documento hoje: daqui a 20 anos, você vai dizer que eu lhe abandonei, lhe reneguei. Eu num dou, não”. E realmente, foi a única coisa que eu “engoli”. Depois disso, já com 6 meses depois, eu me encontrei com ele: tinha passado. Eu disse a ele que, se ele não passasse, eu daria, que ele tinha vontade: “bom, você vai tentar conseguir”. Consegui, que eu sou civil. E ele tentou e passou: (...) foi a última vez que eu falei com ele. Aliás, imediatamente eu falei com ele. “Peguei” primeiro o “cheiro” que ele deu e marcamos: saímos uma vez; fui “na mamãe”; fui na casa da mamãe, e tal, tal, tal, tal. Passamos a tarde junto. No final, ele disse que não ia mais porque a mãe dele disse que ele estudava à tarde. Essa foi a última vez que eu tive contato com ele. Ele tinha 11 anos. Primeiro, eu num quero ter filho: num gosto. Num quero por causa da responsabilidade. Eu tenho 8 filhos. Eu só quis ter 2 filhos. Eu casei: queria ter um filho homem, né, e nasceu mulher. O segundo, porque eu tentei novamente: queria um filho homem; nasceu mulher. A partir daí, nenhum deles eu quis, de livre e espontânea vontade: é as mães que engravidaram. Essas outras duas, depois, engravidaram pra tentar me ver “preso”, dominado, um “lance” assim, ou “amansar”, mas eu nunca quis nem quero. Você vê: porque o “cara” que tem um filho tem que ter responsabilidade. Que cara eu teria se “jogasse” filho no mundo só pra dizer que tenho uma prole grande? Num tem condição. Eu tenho 4 meninos estudando, tudo nesse plano de idade, na idade do colegial e um gasto absurdo: é um gasto absurdo o sujeito manter, dar educação, dar um padrão de vida, numa época dessa. Então, aí, se eu já tô aí, eu tenho é que assumir que eu, de livre e espontânea vontade, num quero, não. (...) A minha relação é muito melhor do que a que ele tinha comigo porque eu sinto prazer em andar com eles. Eu, tendo oportunidade, eu gosto de passear com eles: o papai num fazia isso tranqüilo, né? Só

me lembro de uma vez que o pai saiu comigo: uma vez, saí lá do centro até a outra ponta, ali, perto do Juvenal de Carvalho, a pé, atrás de uma casa pra alugar. No centro, nós fizemos esse trajeto: foi o passeio que me levou. (...) Eles já são ligados com as mães, né, porque convivem: tão o tempo todo. A convivência que eles têm com ela já é um fator, né, predominante. Agora, quando eles tão comigo, eu num acho que eles se arrependam, não. Nem tento agir diferente, nem imito. Eu ajo do meu modo. Nem me lembro de como é que ele agia com a gente. Sempre eu tive muito carinho, muito afeto pelos meus filhos. Aliás, a razão do meu trabalho é dar um conforto a eles. Eu num quero condicionar o indivíduo nem quero que o indivíduo seja à minha imagem, entendeu? Eu num quero que ninguém me copie. Eu, se eu puder evitar essa insinuação, eu evito. Nem tem que valorizar o que eu digo (riso). O que eu digo é o seguinte - o que eu digo prum filho meu, digo pruma filha minha: é que um filho meu procure casar com uma mulher rica porque, pra casar com mulher pobre num tem condição; e uma mulher procure casar com um homem rico porque casar com homem pobre... Isso, eu condiciono elas, pelo seguinte: eu procuro dar, assim, o máximo que eu puder de material - quem sabe, fazer o máximo que eu puder. Por isso, eu invisto fundo na educação deles e condiciono pra que elas num seja dependente: tenha, primeiro, um padrão de vida. Quando digo uma coisa pras mulheres, eu digo o contrário pros homens: os homens têm que casar com uma mulher rica e evitar casar cedo, se num tiver condições. As mulheres têm que casar com um homem rico pra, depois, num ficar passando uma vida quase de empenho. (...) Talvez, inconscientemente, né, porque eu coloco no caratê, mas eu uso mais como uma defesa. Mas pode ser até uma maneira, né, de satisfazer o inconsciente.

Mesmo solteiro, Flávio pretende adotar uma menina, associando o amor mútuo que percebe entre eles ao que havia entre ele e sua mãe, mas não ao amor paterno, apesar de também ser pleno de paparicos:

doutor, eu tenho certeza que é uma relação de pai pra filho. Eu, ontem, comentando com o meu tio, eu tava comentando que eu nunca tive filho; nunca me casei; nunca quis ter um desses filhos que nós tivemos - nós resolvemos esses assuntos, né, eu e as moças - por saber que eu ia ser exatamente como tô sendo com a M., sabe? (...) Eu sabia que eu ia ser mãe e pai - um amigão, num é? Pra você ter uma idéia como a coisa é forte: no dia que eu soube que a minha mãe tinha morrido, eu fui pra o hospital: (...) eu vi umas imagens terríveis dela morta, que até hoje tá na minha cabeça. Por volta de 3 horas, eu fui pra casa. Abri uma garrafa de uísque - isso, sentado na cama. Tinha 6 caixas de "Norbitol", 6 de "Lorax" de 2 mg., 4 de "Lorepinol" ou "Repinol", fora outros "baratos" que eu tinha. Aí, comecei a tomar um uísque: botava logo 3 e "puft!" Mais 3 e "puft!" No nono, eu comecei a pensar: "porra", eu num posso fazer isso por causa da M." Aí, peguei os remédios "tudinho", guardei e fechei o uísque. Tive uma "lombra" enorme por causa dos 9, misturado nas 3 garrafas de uísque, mas eu não fiz. (...) Aí, não fiz por causa dessa garota, e hoje, tô me agüentando por causa dela. Então, a ligação é muito forte, tanto de mim pra ela quanto dela pra mim. Agora, eu tô com a idéia muito fixa de começar a adotar menino. Principalmente, eu quero adotar, agora, um menino, um homem-menino, desde nenê, sem mãe, se eu não chegar a casar: um menino que seja bonito e que eu crie. (...) Meu pai tinha um amor muito grande por mim, né? Só que o meu pela M. é 50 vezes, 1.000 vezes mais. Agora, o mais parecido é essa mania de comprar coisa, entendeu? Tudo o que eu vejo, eu tenho vontade de comprar pra M. (...) Eu sou o mais próximo. A ligação dela é comigo, tanto que tem dias - "tio, vamos dormir de rede?" - quando ela dorme lá em casa, né? Ela chegou pra nós com 5 dias. Eu, sempre, desde que a M. chegou, eu não durmo fora de casa. Eu passava a noite toda dando chá pra ela, água - a babá do lado, "esticada", dormindo. Quando ela tava com febre, eu levava pra minha rede. Armava uma rede e dormia com ela, se ela dizia: "tio, eu quero ir pra tua rede". Então, a proximidade foi essa: de ser eu e a mãe dela, que é minha mãe, do lado. Meu pai, num é, ele era um "cara" meio "seco" também: com ela, eu num sou. Eu nunca chamei nada nem ninguém e morro de vergonha de chamar alguém de "meu amor", mas, com ela, é passando a mão - "vem cá!" - não depois que minha mãe morreu: desde o começo, sabe? É uma coisa mais assim, até mais feminina. Há manifestação de carinho e bem mais feminina,

mais de mãe pra filha. Agora, parecida com meu pai essa mania de comprar coisa, como eu disse. (...) E - "porra"! - todo dia, eu tenho que levar um "troço" pra ela, nem que seja um chiclete. Meu pai, todo dia, me dava um carrinho daqueles de fricção, que nem existia aqui, na época, né? (...) Doutor, eu deixo ela até muito "solta", que até as pessoas dizem que isso é prejudicial.

Ernesto se sente negligenciado pelos filhos, atribuindo tal situação à atitude de insuflação hostil de sua mulher contra ele. Entretanto, admite que tanto a relação com seu pai quanto o relacionamento com seus filhos são pautados num temor respeitoso sem carinhos íntimos, acrescentando que, no contato com eles, há

um certo conflito, né, por causa de, lá na minha casa, que eu sou um sujeito que "tanto faz". É que, no começo, a minha mulher tivesse "jogando" eles contra mim. Então, nuns certos aspectos assim, aí, gerou o atrito, né, com os dois. (...) É diferente: na nossa época, as coisas era mais escassa, né? Lá em casa, eram 12: ninguém não tinha como comer pão com mel, uma bicicleta; brincava com os outros. E, Georges, lá em casa, tenho todo um conforto, levo pruns passeios. Lá em casa, eu num tinha. (...) Mais próximo da mãe deles, todos: ela que aproxima mais deles do que eu. (...) Eu tenho visto que eu tenho coisas em comum, embora eu mesmo tenha sido severo nas cobranças. Enfim, eu acho que num é tanto como era antigamente. (...) Cobro de vez em quando: medo, em todos os dois. Quando eles eram pequenos, tinha mais. (...) Eu procuro fazer, sabe, diferença, pois eu vejo a mulher mais desprotegida, embora não pra proteger: só em termos de defender o necessário. Eu procuro interferir porque aparece lá um machista: é uma criança, né, do sexo feminino, né? Eu procuro interferir, nessas horas, quando vejo, sem ser egoísta, conflitos de coisa de caráter, assim, homem-mulher, né? (...) Quem conversa mais com eles é a mãe deles. Eu num tenho: eu podia até transmitir, mas num tenho, nem é próximo da intimidade que a mãe deles tem. Acho que é por isso: ela tem. Com relação aos homens, eu acho que faço mais pr'eles terem mais cuidado, né, porque a mulher é contra a mulher mesmo; porque o domínio é coisa de cada mulher: têm que dar, assim, uma opinião contra os homens. (...) Cobro do do meio: o do meio, ele era mais passivo também.

Gilson busca ser compreensivo com os filhos, mas gostaria de conseguir ser mais íntimo deles, apesar de ter um relacionamento muito mais profundo com os filhos do que aquele que seu pai teve consigo. Entretanto, não tem tanta facilidade de expressar afeto com o filho mais velho quanto consegue com o mais novo:

eu acho que é muito de compreensão, mas eu gostaria que a relação da gente fosse mais próxima. Com o mais novo, é. Com o mais velho, é mais difícil: ele é mais afastado, mais distante, e eu até consegui identificar que eu e minha mulher tínhamos muita culpa neste afastamento dele porque, quando o outro nasceu, ele tinha 9 anos e a gente voltou as atenções todas para o pequeno porque ele já sabia "se virar". Então, eu acho que a gente teve uma boa parcela de culpa, tanto que, por isso, eu gosto de ser muito compreensivo com ele, mas eu faço a coisa com muito cuidado. Eu acho que eu poderia muito mais ser amigo deles: amigo, assim, em termos de igualdade, de sentar para conversar de igual para igual. Eu sinto falta disso porque a conversa – evidente - fica assim: discutir um filme, discutir um livro que leu, uma notícia que saiu no jornal ou a prova que ele fez. O meu mais velho até, uma vez, reclamou que eu só chegava pra ele pra reclamar sobre aula, sobre o colégio: segundo ele, eu nunca chegava pra perguntar como é que ele estava, o que era que ele estava sentindo. (...) Com o mais moço, eu já dou estes "toques", mas, com o mais velho, realmente eu não fiz isso. (...) Eu acho muito, muito diferente. É porque é aquela história de que eu estou 24 horas "no ar", principalmente com o mais novo. A gente está sempre junto, assim, na preocupação: "como é que está se sentindo? Como é que foi? Foi bem? Não foi?

Tá bem? Não tá? O que é que você tá se dando mais? Como é?” Pra tudo, né: levar, trazer, se preocupar na hora de estimular pra fazer uma coisa. É sempre assim. (...) O mais velho não fala com a mãe, e, em função desta relação de risco, chegou um dia, há uns 2 anos atrás, ele deu uma “peitada”, assim, em mim: “tá me forçando a sair de casa?” - porque ele quis me testar - e eu disse “estou” e eu “segurei” que estava. Aí, ele arrumou as coisas, foi pra casa de um amigo e ficou uns 3 meses. Depois, quando saiu, eu liguei para a namorada dele. Aí - isso, depois de uns 3 dias: “olha, tô ligando pra você pra saber como está o... Quero saber o ambiente em que ele está, porque ele saiu de casa porque quis, mas eu continuo sendo o pai. As obrigações que eu tinha como pai, eu continuo tendo: eu continuo pagando a faculdade dele. Estou preocupado de saber se ele está bem, se está com saúde, se está alimentado. Agora, só não consigo agüentar é grosseria e falta de respeito. Aí, ele veio me testar e me perguntar se eu estava botando ele para fora de casa, e ele sabia que eu jamais botaria um filho pra fora de casa. Mas ele veio me testar. Aí, eu disse que tava, e “segurei””. Aí, depois, ele veio me chamar para a gente ir conversar num restaurante e tudo, até que ele voltou pra casa, uns 3 ou 4 meses depois, e até hoje ele está em casa. Está noivo; está formado em direito; está estudando para concurso porque, agora, ele descobriu que precisa realmente estudar, fazer alguma coisa, mas está em casa e não fala com a mãe: uma relação que é uma desgraça pra pessoa que fica no meio, de “leva-e-traz”. (...) E o mais novo, eu percebo que ele tem, às vezes, pra determinados assuntos, mais intimidade de conversar com a mãe, e outras coisas, tem mais intimidade de conversar comigo. Então, eu deixo assim, muito à vontade. (...) Então, eles sempre foram, desde pequenos, “grudados” em mim: não sei se por isso ou porque eles perceberam a minha presença. Quer dizer: isso foi uma coisa que foi feita desde sempre. Eu acho que isso facilitou. (...) Eu tinha medo, agora, depois de grande, que acontecesse alguma coisa que me afastasse deles, mas eu percebo que eles ainda escondem algumas coisas de mim. (...) Ah, eu adoro! Com o mais velho, não há, mas com o outro ainda há toques, alisada de cabeça. De vez em quando, quando eu faço um carinho, ele diz: “já sou adulto: não precisa me agarrar”. Me dá um tapinha, assim, querendo demonstrar força, mas é que ele tá com vontade de me abraçar: eu percebo. Aí, eu pego ele, agarro, beijo. (...) Olhe: o que a gente pensa em passar, é, assim, de respeito à mulher; que a mulher não é objeto; que a mulher tem todos os direitos iguais aos homens. Essa é a idéia que a gente passa, né? Sobre os homens, é essa história: generosidade, solidariedade com as outras pessoas, respeito aos sentimentos das pessoas. (...) Não cobro porque eu acho que eles mesmos vão descobrindo a maneira deles enfrentarem as coisas. Eu vou, à distância, tentando ajudar.

José, apesar de estar vivendo com outra mulher, afirma que se sente responsável e que se dá bem com os filhos de uma forma bem mais íntima do que conseguia com seu pai. Acredita que é mais próximo do que a mãe deles, embora tenha que refrear seu temperamento violento com os filhos, pois argumenta que os homens devem ter controle emocional sobre si mesmos:

um mora com a mãe e a menina. (...) O de 18 mora comigo. O meu relacionamento com eles é bom. Eu noto que, de uma certa maneira, ficou uma mágoa devido à separação, mas me relaciono bem com todos eles. Tenho absoluta intimidade com eles. Sou o pai no sentido tanto de corrigir, de cobrar, de dar “carão”, tal. Sou de bater, como eu já lhe disse, né? Eu sou violento de bater. Umás duas surras que eu lhe dei, eu dei com força demais, dei “lapada” demais. Aí, o que acontece? Eu peguei e saí, com medo de bater. São meus filhos. (...) Eu beijo: não tenho, assim, subterfúgio. (...) Só que, quando se fala de paternidade, é uma coisa séria. Você tem que assumir o menino que você “faz”. (...) É tanto que, toda vida, fui muito “raparigueiro”, mas só fiz 4 meninos na minha vida. Se tivesse “feito” mais, estava cuidando, estava criando. (...) Eu acho que, se meu pai tivesse sido do jeito que eu sou com eles, teria sido bem melhor. Eu buscava muito a minha aproximação com meu pai. Eu queria muito bem a ele. Eu queria tá mais junto dele, mas, toda vida, ele ficou lá no canto dele de pai, e

eu no meu de filho, subordinado. E, com meus filhos, não tem muito isso: eu deixo “correr frouxo” até onde eu vejo que tá bom, mas eu exijo respeito. A gente tem até mesmo conversa de bar, mas o respeito, eu exijo. (...) Eles são mais próximos de mim. Com a separação, ficou mais equilibrado: J., que tem 16, era mais comigo, mas agora, é mais com a mãe dela - eu acredito que até pela distância, né? (...) Só devido à separação, eles ficaram com certo amargor por eu ter deixado a mãe deles - claro! - e a distância. No começo, eu passava todo dia lá. Quando eu me separei, tinha aquela coisa, né? Aí, depois, naturalmente, você passa a ter preguiça: aí, vai se espaçando mais. Quando eles vão ao meu apartamento, tudo bem, tal, tal, tal. A menina de 16 é que passa pouco: fala com a A., mas não gosta de A. Aí, com essa, eu tenho tido menos contato, mas por culpa minha. Se eu passar no apartamento dela, tá tudo bem. (...) Eu tento agir diferente para melhorar na minha concepção, mas eu vejo muita repetição. Eu repito muito meu pai no problema da disciplina, no problema de dar o melhor que eu posso pra eles. Às vezes, muitos amigos dizem que eu sou prejudicial, que eu dou muito pra eles, que eu dou facilidade demais: dou; “faço conta”; assim, sou muito “paizão” em dar as coisas para eles. Os amigos dizem para eu deixar os “caras” “batalharem” um pouco. Eles nunca andaram de ônibus; toda vida, teve carro, teve motorista pra levar e pra apanhar: “deixa esses ‘caras’ ‘se virarem’ Deixa eles irem de ônibus para a escola. No dia que você faltar, eles estão ‘ferrados’”. Mas eu nunca consegui me corrigir: continuo fazendo porque o meu pai - não que ele pudesse - mas o máximo que ele podia fazer por mim, ele fazia. (...) Eles são menos carinhosos que eu. Eu pego, eu beijo, eu abraço. Eles chegam: “diga aí, pai! Tudo bem?” “Tudo bom”. “Aí, ‘cara’? Tudo bom?” “Tudo bom”. Mas eu, não: “quê que há, ‘cara’? Toma a benção, seu ‘porra’! Venha cá, tomar a benção do pai! Venha cá, me dê um cheiro”. Dou um cheiro. Eles são mais “secos” do que eu. (...) O que eu digo é o seguinte: que são pessoas maravilhosas; que a gente tem que entender; que tem que ser bom; tem que ser dedicado; tem que fazer feliz a mulher que você tem e ser decente com todas as mulheres; ser amigo; ser “legal”, né; ter um relacionamento bom. (...) Sobre os homens, a mesma coisa: ah, o pensamento não diferencia muito. É também ser amigo e leal; ser justo: nunca querer “usar” ninguém. Eu sempre digo pra eles: “olha, tudo na vida, você pode optar. Eu tô dizendo como eu faço. Esse negócio de você ser emotivo demais, de deixar as coisas ocorrer do jeito que é pra ser, não, nunca! Tente sempre ter o controle de qualquer situação que você se encontre. Tente sempre ter o controle de qualquer situação”. Isso é o que eu sempre tentei passar para eles, pros homens. Pras mulheres: “olhe, nenhum homem é seu amigo. Todo homem é seu amigo, mas, se você ‘der’, aí vem e ‘come’”. Eu digo pra minha menina de 16 anos: “não vá acreditando nesses ‘camaradas’ que vem conversando, que dá flores” - que ela andou com uns “paqueras”, uns namorados. “Namore: não tem problema, mas eu quero conhecer seu namorado. Não precisa namorar escondido, não. Traga o ‘safado’, que eu quero conhecer: quero ser amigo dele, quero ir pra festa. Se um dia, ele não tiver dinheiro, me diga baixinho, que eu dou pra vocês irem pra festa. Vou levar, vou buscar de madrugada: faço isso constantemente. Agora, não me venha chorar depois de decepção de amor: ‘ah, eu amava fulano! Tive relações com ele e, depois, ele me abandonou!’ Estou lhe explicando como é. No dia que você gostar, namore. No dia que você quiser ter um relacionamento sexual, tenha. Agora, não me venha com esta história de trauma, de que lhe abandonou, que você ‘deu’ por amor: ‘dê’ porque quer ‘dar’. Esse negócio de “por amor” e tal, eu não ‘engulo’”.

Marcos admite que já se dedicou mais ao filho, mas tenta recuperar a intimidade com ele, apesar de reconhecer que ainda assume o tradicional papel familiar de “dono do dinheiro” e de “chefe da casa” - à semelhança de seu pai - preocupando-se que o filho saiba se impor na vida:

já foi melhor. Eu, hoje, tô tentando recuperar. Sei que recuperar eu não vou conseguir, mas, no começo, quando ele nasceu, era um homem que eu queria. Nasceu um homem: fiquei muito orgulhoso por isso. Eu tinha muito mais tempo para com ele, né? (...) Tinha condição de poder estar com ele, nos finais de semana, “curtindo”. Participava muito mais do que

participei até o ano passado, 97, porque a empresa me cobrou muito, me exigiu muito: exigiu os meus finais de semana; exigiu minhas noites, né? (...) Foi um negócio muito ruim: eu estou tentando amoldar isso; acabou um pouco com a minha saúde (...) e acabou prejudicando um pouco o relacionamento com o meu filho, né? (...) Eu quero ser muito mais participativo do que eu sou hoje com relação às coisas da escola dele, (...) ao medicamento dele, (...) às brincadeiras dele. E eu sei que eu tenho faltado um pouco com isso: então, melhor do que foi de 97 para trás. Tudo aquilo que o meu pai não fez por mim eu quero fazer pelo meu filho. Tudo de ruim que o meu pai fez para mim eu não quero fazer para o meu filho. Então, eu me preocupo muito em saber se ele está bem. Eu me preocupo em beijar, quando eu chego. Eu me preocupo em dar as coisas para ele, que o meu pai não me deu. Acho que eu estava até errando um pouco nisso. (...) Eu quero “curtir” cada etapa da vida dele: (...) quero “curtir” cada uma dessas etapas e ser uma presença marcante em cada uma destas etapas, coisa que o meu pai não foi. Ela tem muito mais preocupação com ele, né? Ela tem muito mais dedicação para com ele do que eu. (...) Eu sou mais, com ela, assim: discutindo com ela as coisas, decidindo as coisas, e ela é quem vai lá e dá a comida e dá a assistência e faz as coisas. Eu sou mais aquele que brinca, aquele que sai, que leva para sair, né? Não é ruim: a relação é boa, mas eu sempre quero mais, melhorar o máximo possível, Georges, porque eu vejo que eu posso ser melhor do que o que eu estou sendo hoje. Eu tento fazer diferente, sim. (...) Ainda tem uma coisa que eu tenho para com o meu filho, que é uma relação que eu tenho com o meu pai, que é a do dinheiro: eu sou um homem de dinheiro em casa, para com o meu filho, e como era na minha relação na minha casa, que meu pai era o homem do dinheiro na minha família. Então, isso ainda está muito ligado. Para o meu filho, eu sou o homem do dinheiro. E, para o meu pai, quando eu morava lá com ele, ele era o homem do dinheiro: decidia fazer as coisas; comprar; não comprar ou fazer. (...) Eu sou quem mando. Eu não acho ruim essa condição, mesmo porque eu brinco muito com meu filho sobre esse negócio da condição de quem manda. Ele sabe que quem manda sou eu, mas eu tento que essa coisa seja o mais natural possível: eu tento; (...) às vezes, eu não consigo. Às vezes, eu tenho que mandar mesmo: “você senta aí porque você está me desobedecendo. Você senta lá, que eu estou mandando porque quem manda sou eu. E fique aí até eu achar que você deve sair ou quando você pedir desculpas porque fez isso etc. e tal”. (...) Agora, eu sinto que ele está mais de beijo e mais de abraço, que ele não era. Quando criança, o toque era diferente, era mais de brincadeira, né: “ah, o pai chegou! Vem cá”, isso tudo. Hoje, eu sinto que tem um negócio de carinho: “oh, dá um beijo no pai”. Ele abraça; gosta; brinca comigo; às vezes, bate - brincadeira de lutar, que a gente faz. (...) Eu converso com ele um pouco sobre “ah, como é bonita, a menina!” Ele gosta de uma menina na escola, que chama B.; gosta muito de outra menina, que se chama J. Então, eu falo: “ah, a J. é bonitinha. B. é bonitinha. Você brinca com ela. Chama para brincar aqui em casa”. (...) Agora, ele está com uma curiosidade sexual de querer tomar banho com a coleguinha dele, que é a N., a coleguinha mais próxima dele, e ele tem curiosidade de tomar banho com ela: (...) “pai, posso tomar banho ‘pelado’ com a N.?” “Não pode: primeiro, toma a N.; depois, toma você”. (...) Eu ainda não senti - ele tem 6 anos - uma facilidade minha para eu poder falar com ele sobre algumas coisas: (...) “ah, pai, fulano de tal fez isso!” “E o que você fez?” “Nada”. “Mas como nada? Tem que fazer alguma coisa, né?” Cobro dele uma decisão (...) para que ele possa se impor, né?

Solteiro e homossexual, Rogério reconhece que jamais seria pai:

eu acho que ser pai e ser mãe, hoje em dia, é um negócio muito sério, né, e que hoje, eu diria que acho que eu não assumiria esse papel, não: não teria estrutura pra, realmente, com a visão que eu tenho, de encaminhar bem uma pessoa, de orientar, de conversar, de encaminhar. (...) Requer tanto detalhe, tanta atenção, tanto tempo, que eu acho que eu num teria condição, hoje, de ser pai, não. (...) E nem aceitaria, por exemplo, criar alguém, adotar, vamos dizer. (...) Existem coisas mais prioritárias pra mim do que isso.

Jorge está separado da primeira esposa, vivendo com outra mulher que já tem um filho e que espera um filho dele para breve. Procura ser participante, mas reconhece

que sua atuação junto às filhas do primeiro casamento ainda é limitada e que não se sente muito à vontade com o enteado, embora acredite que a distância entre pais e filhos seja parcialmente provocada e perpetuada pelas mães. Reconhece seu potencial violento e busca refrear a possibilidade de usar sua agressividade com as filhas e a família:

a relação que eu tenho com minhas filhas e com meu enteado é de dialogar o máximo possível, (...) mas eu acho que devia ser maior: os homens deviam participar mais da educação dos filhos. No meu caso, eu acho que mais pela dificuldade da presença, de estar pouco presente, ou menos presente do que deveria por conta do trabalho fora de casa. Eu acho que as mães perpetuam a discriminação, talvez mais do que pelos homens, porque são elas que lidam diretamente com os filhos, e os primeiros valores de discriminação, eu acho que são delas. (...) Eu pouco agi com violência com relação a elas, e, quando agia, eu me sentia mal. (...) Eu não lembro, assim, a não ser de uma vez, do papai ter me batido: normalmente, ele conversava. (...) No começo da separação, me chateou um bocado: eu tinha muito problema em aceitar não viver com elas. Hoje, como não tem outro jeito, então, eu procuro, sempre que posso e que tenho o tempo livre, estar com elas. No aspecto de conversar com minhas filhas, eu percebo mudando de nível e acho que é o mais correto. Eu tenho uma interferência maior na educação delas: eu acho que eu sou menos omissivo. No período da separação, logo após, durante uns 2 anos mais ou menos, a gente ficou um bocado distanciado, e depois, a gente voltou a ter mais contato e eu acho que essa separação me fez (...) respeitar mais como pessoa, de ser menos possessivo. (...) Logo no início, como eu não tive nenhum filho homem, então, a manifestação do contato físico me deixava constrangido: no início, inadequado, eu acho. Hoje, eu não faço tanta diferença, não. Até agora, eu tenho mais contato físico com elas do que com ele, mas devido a ele, e ele já percebeu: é pouca aceitação dele de contato físico, eu acho. (...) As mulheres têm diferença única de gênero. Fora isso, nenhuma: são pessoas como os homens, que têm papel social; devem trabalhar também fora de casa; que devem repartir as atividades domésticas; que devem ter objetivo de vida; que têm um papel igual ao dos homens, a não ser no que diz respeito à questão da maternidade, amamentação e as diferenças ideológicas características. (...) Eu não acho que homem tem que sair dando "porrada".

Apesar do relacionamento difícil e conflituoso que teve com o pai, Guilherme ainda assim deseja exercer uma possível paternidade diferenciada daquela que viveu junto a seu pai: “eu esperaria que o filho que eu venha a ter, caso o tenha, possa ser muito diferente do meu pai, a minha relação com ele. Ultimamente, vem surgindo na minha cabeça o desejo de ter um filho. (...) Eu sinto um desejo que, algum tempo atrás, era ausente”. Casado, mas ainda sem filhos, Edson considera a paternidade fundamental, sonhando ser pai dentro de pouco tempo:

eu acho uma coisa extremamente importante ser pai: importante ser pai mais do que ensinar, do que fazer qualquer coisa. Eu acho mais do que fazer uma revolução, que votar nulo para presidente, do que qualquer coisa, é você criar um filho: pra mim, é fundamental, realmente, agora, sobre isso, a participação do pai junto com a mãe na criação do filho. Pretendo ser pai, breve.

Freqüentemente negligenciada e considerada secundária por leigos ou mesmo por especialistas em psicologia do desenvolvimento humano em relação ao *papel sócio-cultural* da mãe, a figura paterna revela-se, portanto, significativa na *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* através dos depoimentos que obtive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que as transformações sócio-culturais da paternidade contemporânea são ainda sutis e que acontecem lentamente. Entretanto, percebo-a se modificando passo a passo e sistematicamente no discurso de meus entrevistados, especialmente através de suas manifestações concretas de afeto e de intimidade com seus filhos. Se persistem as marcas do padrão patriarcal em muitos dos depoimentos aqui expostos, tal modelo vem sendo questionado, não mais apenas pelas mulheres que convivem com esses homens ou pelos estudos gerados pela *sociologia das relações de gênero* sobre a masculinidade, mas pelos próprios homens, que freqüentemente se ressentem da dificuldade de expressar carinho a seus próprios filhos e que se perguntam se serão capazes de transformar o duro fardo do patriarcado que incorporaram de seus próprios pais. São vários os entraves para a criação de um relacionamento mais prazeroso, fluido e tranqüilo entre pais e filhos, como pude destacar através de diversos depoimentos de meus entrevistados. Apesar de tais empecilhos, creio que as sementes de uma nova paternidade estão implantadas, o que pode vir a propiciar que os homens se permitam expressar sem pudor a intimidade e o amor que realmente sentem por aqueles com quem convivem, ampliando esta postura mais flexível a outros campos de suas vidas, como, por exemplo, o relacionamento com seus congêneres, favorecendo com que as relações de amizade entre os homens deixem de ser um mero espaço de desconfiança e de competição, como ainda é comum nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, Arminda & SALAS, Eduardo J. **A paternidade**: um enfoque psicanalítico. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino/feminino**: tensão insolúvel. Sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- CALLIGARIS, Contardo. À escuta do sintoma social *in*: ROPA, Daniela (coord.) **Anuário Brasileiro de Psicanálise**: o mal-estar na sexualidade. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 11-22, 1992-1993.
- CAMPOLIM, Sílvia & LIMA, Luiz Tenório O. **Enquanto as mulheres mandam, os homens fazem o que têm vontade**. 2. ed. São Paulo: Globo, 1998.
- DUPUIS, Jacques. **Em nome do pai**: uma história da paternidade. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu *in*: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, p. 13-191, (1913 [1912-1913]) 1974.
- _____. Moisés e o monoteísmo *in*: **Edição standard das obras psicológicas completas**. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, p. 13-161, (1939 [1934-1938]), 1975.
- LUFT, Lya. **O rio do meio**. 4. ed. São Paulo: Mandarim, 1996.
- NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.